

# Mahin

Revista Literária



## Conceição Evaristo

*A escrivência como fundamento*

*Entrevistas, resenhas, artigos, inéditos e lançamentos.*

Ano 2, Número 3, dezembro 2020 | [www.revistamahin.com.br](http://www.revistamahin.com.br)



Mahin é uma publicação da Editora Malê

## Expediente

**Editor** – Vagner Amaro

**Comissão editorial:** Simone Ricco (Mestre em Literatura Africana), Wesley Correia (Doutor em Estudos Étnicos e Africanos), Henrique Marques Samyn (Doutor em Literatura), Patrícia Costa (Mestre em Biblioteconomia).

**Capa** – Lissandra Pereira

**Colaboradores desta edição:** Marlon Souza, Wesley Correia, Henrique Marques Samyn, Patrícia Corta, Simone Ricco, Angela Peres, Carmen Faustino, Dandara Suburbana, Jenyffer Nascimento, Waleska Barbosa, Gênesis, Miriam Alves, Patrícia Borges, Tati Villela, Bruno Santana, Cizinho Afreeka, Daniel Brazil e Éle Semog.

**Online:** [www.revistamahin.com](http://www.revistamahin.com)

**Matérias e sugestões de pauta:**

[revista@editoramale.com.br](mailto:revista@editoramale.com.br)

**Para anunciar:**

[vendas@editoramale.com.br](mailto:vendas@editoramale.com.br)

**ISSN:** 2596-3538

A Editora Malê não se responsabiliza pelas ideias e conceitos expressos nos artigos assinados, que trazem somente o pensamento dos autores e não representam necessariamente a opinião da revista.

## EDITORIAL

O destaque da edição de dezembro da Mahin – Revista Literária é o ensaio do pesquisador Henrique Marques Samyn sobre a escrevivência de Conceição Evaristo. Cada publicação da Mahin é uma vitória contra o apagamento, o epistemicídio e o racismo estrutural, e entendemos que a resiliência da escritora mineira contempla plenamente o espírito da revista. Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte em 1946, migrou para o Rio de Janeiro no final da década de 1970, lecionou em escolas públicas, cursou graduação, mestrado e doutorado em letras, participou de diversas coletâneas e publicou individualmente livros de contos, poemas e romances. Outro destaque deste número que coaduna com o caráter da revista é a entrevista

realizada pela pesquisadora Patrícia Costa com Dani Bernardino, coordenadora da Flup – festa literária das periferias. Nos últimos dois anos, Dani vem representando este que é um dos principais eventos literários do Rio de Janeiro.

Organizada pela escritora Simone Ricco, a seção “Inéditos” é uma seleção apurada de quinze vozes líricas da poesia negra brasileira contemporânea, expressando percepções sobre a pandemia. Os poemas foram ilustrados por um ensaio fotográfico de Niltim Lopes. Nesta edição você ainda encontra um belo panorama da literatura negra brasileira, escrito pelo pesquisador e escritor Wesley Correia, além de resenhas, sugestões de leituras e entrevistas.

Boa leitura!

**Vagner Amaro**  
Editor da Mahin

**Entrevista: Literatura como transformação social, com Daniele Bernardino**

Por Patrícia Costa

**Ensaio: Dizer-se a si: breve reflexão sobre o lugar e o papel das literaturas negras**

Por Wesley Correia

**Ensaio: A escrevivência como fundamento**

Por Henrique Samyn

**Inéditos: Pandemia e literatura**

Por Simone Ricco

**Resenhas:**

Filhas do fogo, de Elizandra Souza

Por Vagner Amaro

**Perfil: Stefano Volp**

Por Marlon Sousa

**Sugestões de leituras: lançamentos**

# SUMÁRIO



### Como se deu sua entrada na Flup?

Até julho de 2019 eu não imaginava ter nenhum tipo de protagonismo neste trabalho. Na verdade, as pessoas costumavam me chamar de primeira-dama. Durante 15 anos, fui casada com o Ecio Salles, um dos criadores da Flup ao lado do Julio Ludemir. Vi a Flup nascer, ainda como uma estratégia social de um projeto de segurança pública do RJ. No entanto, acompanhava de forma tímida. Sempre incentivei o Ecio na realização do evento, mas estava num lugar de afeto, lugar de alguém que apoia quem ama. A programação era uma surpresa pra mim, e eu gostava deste lugar de plateia, pois meu trabalho é relacionado diretamente à Educação, e me ocupava quase toda a agenda. No entanto, em julho do ano passado fomos surpreendidos com o diagnóstico do câncer do Ecio e, infelizmente, em menos de um mês ele se foi. A dor foi arrebatadora, mas aos poucos fui entendendo que o que ele construiu não poderia se perder. E fiz do luto uma luta... Numa conversa com o Júlio, ele me disse: "Você tem que ser a cara pública da Flup – feminina e preta". Naquele momento, tomada ainda por uma dor profunda, achei que não teria forças. Fui encorajada aos poucos, especialmente pelo desejo de levar o legado do Ecio adiante, mas também pelos muitos depoimentos que ouvi das pessoas que, de alguma forma, foram alcançadas pela Flup. Nos poucos dias de internação dele, testemunhei muitas confidências no leito do hospital. Pessoas queridas que tiveram a vida transformada. Acho que ser a porta-voz da Flup também me salva, pois sinto o Ecio perto de mim.

## Literatura como transformação social

Nesta entrevista, Patrícia Costa conversa com Daniele Bernardino Pereira de Salles. Dani é pedagoga, mestre em Educação, graduanda de Jornalismo e porta-voz da Flup – Festa Literária das Periferias.

## O que mudou na Flup a partir do seu olhar?

Ecio e Julio têm biografias admiráveis e uma verdade inquestionável na construção da Flup. No entanto, é evidente que o lugar de fala deles é o de homens brancos e héteros. Há algum tempo a Flup tem se tornado cada vez mais preta e feminina. Um trabalho voltado para a periferia não pode ficar dissociado dos negros, inclusive no aspecto imagético. E essa conexão passa a ser mais concreta quando as pessoas pretas, especialmente as mulheres, me veem no lugar de porta-voz da Flup. Significa encontrar alguém que reconhece suas vivências, justamente por partilhá-las. Minha presença torna o projeto mais empático.

## A literatura negra e periférica de alguma forma fez parte da sua formação?

Adoro falar sobre isso! Nasci em Piedade e fui criada em Quintino Bocaiúva, bairro da zona norte do Rio, sendo o último conhecido por ter apresentado ao mundo o camisa 10 do Flamengo, Zico. Minha infância e adolescência foram uma delícia, vivendo as alegrias e privações que o subúrbio tem. Sempre estudei em escolas públicas e sinto muito orgulho disso. Enquanto cursava o antigo Ginásio, hoje ensino Fundamental II, tive uma professora de Língua Portuguesa que me apresentou a duas referências fora do currículo: as músicas da banda alemã Enigma e o livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus. Tentei iniciar a leitura uma dúzia de vezes e sempre o achava complexo demais. O tempo passou e eu já estava quase me formando professora primária no Curso Normal (hoje, Curso de Formação de Professores), quando consegui avançar na leitura e na compreensão de mim mesma. Não sou a "Carolina" das privações relatadas no Quarto



Dani Bernardino. Foto. Flup

de Despejo; no entanto, reconheço-a em mim perfeitamente. Toda mulher preta tem uma Carolina em si. No Mestrado, cursado na UERJ, retomei estas referências de maneira mais veemente. Adbdias do Nascimento, Joel Rufino dos Santos, Helena Theodoro. Como educadora, vejo com muito pesar que as referências negras, não só da literatura, não são apresentadas mais cedo às nossas crianças. Minhas filhas já vivem uma geração mais atenta, tanto pelo acesso às informações quanto pela disseminação da representatividade. Ao prestar o vestibular, desisti do Jornalismo por acreditar que uma mulher negra não teria espaço no mercado de trabalho. E jovem negro, de periferia, não pode correr riscos, tem que investir em uma carreira que o direcione de forma certa para o mercado de trabalho. Meu desejo e dedicação buscam que, num futuro próximo, não seja apenas um clichê a afirmação de que negras e negros podem ser o que quiserem.

## Este ano a Flup homenageia a escritora Carolina Maria de Jesus. Como vem sendo a experiência?

Carolina Maria de Jesus é uma das homenageadas, mas também estamos sob as bênçãos de Lélia Gonzalez. Já pensáva-

mos em homenageá-las quando nem podíamos imaginar, em nossos piores pesadelos, que 2020 seria um ano tão desafiador. De alguma forma as biografias dessas duas potências nos convidam a não esmorecer. Dedicamos à Carolina um ciclo de debates que começou em maio e terminou no dia 19 de agosto, aniversário de 60 anos do Quarto de Despejo. Noventa por cento dos convidados eram mulheres negras, e tratamos da obra e do legado de Carolina sob os mais diversos aspectos. A celebração deste ciclo vem com a publicação de um livro no qual mulheres negras de todo o país reescrevem esse clássico a partir de suas vivências. Tenho um carinho especial pela turma de mulheres catadoras de material reciclável do ABC Paulista. Para Lélia Gonzalez também tivemos um ciclo com painéis incríveis. Foram sete encontros, número cabalístico, que apelidamos de #EsquentaFlup, pois antecederam a programação principal. Foi mágico poder contar com o Rubens, filho da Lélia, no painel de abertura.

## Como está sendo o funcionamento da Flup durante a pandemia?

Assim que a pandemia se apresentou, ficamos inseguros sobre como conduzir uma festa

literária que tem como marca a troca de afetos, de abraços. Como diz Conceição Evaristo, “eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”. E na busca por resistir e sobreviver, começamos os painéis de forma remota. Tem sido muito importante ampliar os limites. No processo formativo, por exemplo, muitas mulheres não são do Brasil. Também foi importante saber que uma participante com dificuldade de locomoção se sente mais confortável participando dos encontros on-line. Revisitamos, ainda, o Laboratório de Narrativas Negras e Indígenas para Audiovisual, que tem por objetivo incentivar a produção de textos narrativos criativos e potentes que possam contribuir para a reescrita do cenário audiovisual contemporâneo. Muitos dos participantes de outras edições já foram contratados pela Globo, que é nossa parceira. O formato remoto tem funcionado muito bem. Até eu tiro uma casquinha das aulas.

**A Flup tem o objetivo de levar e trocar experiências literárias nas periferias. Em sua opinião, durante a pandemia os objetivos estão sendo alcançados?**

Arrisco dizer que estamos superando a meta. Conseguimos manter a qualidade dos debates, trazendo convida-



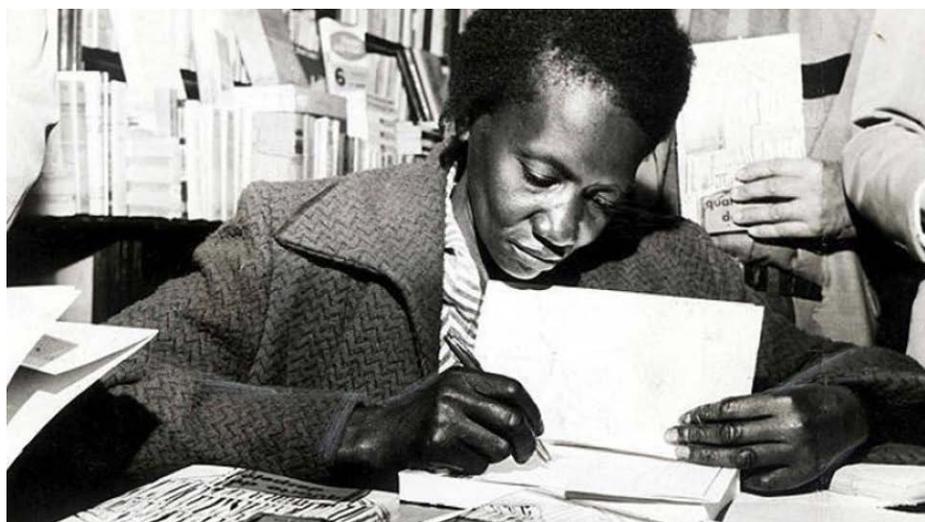
Flup. Edição 2019. Flávia Oliveira. Patrícia Hill Collins. Ana Maria Gonçalves. Roberta Estrela Dalva. Foto. Flup.

dos relevantes em suas áreas, como Djamilia Ribeiro, Carla Akotirene, Flávia Rios, Renata Tupinambá e outros nomes incrivelmente especiais. Vale ressaltar que até mesmo o SLAM, que são as batalhas de poesia, está confirmadíssimo. A internet e as plataformas digitais são adventos importantíssimos e permitem a interação com o nosso público. Nossas lives têm um número muito expressivo de participantes, que contribuem muito nas discussões. Claro que ficamos saudosistas do calor do contato, do olho no olho, fatores que sempre foram prerrogativas da Flup. Sentimos falta, por exemplo, daquele encerramento que o Ecio transformou numa tradição,

quando todos os colaboradores eram chamados ao palco ao som da música Abraço, do Caetano Veloso, para celebrar o fim de mais uma edição. Isso dá muita saudade...

**O que podemos esperar de projetos da Flup para os próximos anos?**

No ano que vem chegaremos à 10ª edição. Vejo a Flup como uma criança que cresceu, amadureceu, tornou-se emancipada, e que hoje se reinventa diante das situações que se apresentam. Meu desejo sincero é que continuemos fortes e aguerridos, cumprindo nosso objetivo principal, que é o de disseminar cultura e literatura pelas periferias. Se não nos perdermos de nossas raízes, o caminho será certo e exitoso. Mais do que um desejo, é meu sonho, pois abracei com todo amor o compromisso de não deixar o legado do Ecio se perder. Como ele mesmo nos ensinou, “somos peixes do mesmo cardume”. E que assim sigamos...



Carolina Maria de Jesus. Foto. Divulgação



Wesley Correia. Foto. Divulgação

# Dizer-se a si:

*breve reflexão sobre o lugar e o papel das literaturas negras*

**Por Wesley Correia**

*Que Deus me guarde pois  
eu sei que ele não é neutro*

*Vigia os rico, mas ama os  
que vem do gueto*

*Eu visto preto por dentro e  
por fora*

*Guerreiro, poeta, entre o  
tempo e a memória*

— Edí Rock e Mano Brown,

**Negro Drama.**

As literaturas de autoria negra promovem, no Brasil contemporâneo, um precioso universo discursivo e memorialístico, que esteve desprezado, anos a fio, por força do racismo literário e editorial do país. Na medida em que vozes periféricas se fazem ouvir

através do texto, em que sujeitos considerados à margem se inscrevem, psíquica e socialmente, nas páginas dos livros, seja para denunciar, contrapor, declarar, intervir, recordar, evocar as divindades e o princípio ancestral da existência, seja para expressar repertórios culturais intrínsecos, na medida em que esta contundente enunciação racial de base endógena – quase varrida da tradição escrita brasileira – passa a se afirmar entre leitoras e leitores, abre-se um horizonte para a problematização e consequente uma reconfiguração de alguns dos aspectos que povoam a consciência li-

terária nacional. Em que pese o caráter mimético da literatura, é fundamental observar o papel estruturante que a linguagem desempenha nas relações de poder bem como os efeitos ideológicos que este fenômeno implica na subjetividade de certos indivíduos ou de conjuntos de indivíduos, pois, a exemplo do que afirma Frantz Fanon: “falar é existir absolutamente para o outro” (2008, p.33, grifo meu); ou seja, uma vez que de determinado grupo é suprimido o direito à voz, suas possibilidades de existência (neste caso, pela via da representação) acabam reduzidas às perspectivas de outro

grupo, que sobre aquele lança camadas e mais camadas de significantes, estofando sobremaneira o recrudescimento do que Chimamanda Adichie considera como “o perigo de uma história única” (2010). Dito de outro modo, deriva-se deste processo uma alteridade fora de proporção e, em boa medida, mantenedora dos preconceitos que circunscrevem subjetividades secularmente atravessadas por vários e elaborados mecanismos de opressão. Uma vez trazido ao âmbito da escrita que faz figura às prateleiras literárias do Brasil, caracterizadas pela sintomática ausência de vozes negras, o dado pode explicar, por exemplo, a reiterada alocação de personagens de cor nos sub-lugares da ficção narrativa, na sua secundarização corrente e na fetichização dos seus corpos em plano diegético, a ponto de tornar evidentes não só a impossibilidade do protagonismo destas personagens em cena, mas também, como consequência direta da regulação operada por esta agência, o nítido apagamento de suas histórias no interior da história mesma; uma operação que nada tem de fortuita, porque coexiste em diálogo direto com a realidade concreta, em especial ao reproduzir os níveis de estratificação que dão substrato aos mundos formados a partir da diáspora. Outrossim, considerando-se a natureza de cada gênero, uma vez que estejam devidamente resguardadas as proporções de intenção e finalidade, o mesmo princípio invisibilizador presente nos romances, novelas e contos brasileiros mais difundidos se manifestará também na lírica e no teatro. Fato é que a tenacidade do imaginário, urdido sob a ubquidade de um cânone macho-branco, sofre impacto quando sujeitos de fora do centro, assimetri-

camente escritos/descritos, tomam o controle do discurso para fazer ecoar outros vieses semânticos, sintaxe e substância também outras, enquanto a previsibilidade da página vai sendo surpreendida pela ação do deslocamento das vozes; seguramente, neste sentido, a encarnação em celulose da grande ferida aberta do Brasil, da ferida em carne viva vertida na forma do livro, fenômeno que se tornou possível a partir da estrondosa presença de Carolina Maria de Jesus no cenário da literatura, constitui – desde 1960 até os dias atuais – o principal e mais radical exemplo de fissura nas colunas canônicas. Antes dela, entretanto, na segunda metade do século XIX, a voz de Maria Firmina dos Reis, considerada por alguns historiadores da literatura como a primeira romancista negra, já depunha contra os desníveis da instância literária: “Sei que pouco vale este romance porque **escrito por mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados**” (REIS, 2018, p. 12, grifos meus). Por conseguinte, lição definitiva sobre o caminho da autorepresentação como resposta ao etnocentrismo foi legada a “improváveis” escritores a partir do desbravamento que as autoras de *Quarto de despejo* e de *Úrsula* empreenderam, cada qual a seu tempo e à sua maneira. Em posse do verbo, sujeitos Outros cuja condição é, sob muitos aspectos, equivalente à das escritoras referidas, cumprem dar carne e nervos, sangue e ossatura ao que antes era espectro, operando assim tanto um modo diverso de fazer literatura – uma vez que serão reposicionados a ideia e o lugar da autoridade soberana – quanto a promoção de uma recepção distinta da usual, posto que o público entra-

rá em contato com a locução e a gramática elementares à uma subjetividade comumente obliterada; não raro, parte considerável dos espectadores divisará o próprio espelho em meio à experiência da leitura de textualidades negras, de maneira que o efeito catártico e libertário desta vicissitude não encontra outra justificativa, senão como manifestação da Unidade ancestral. Com efeito, as literaturas negras inauguraram um campo de força cuja disputa figurará em torno dos modos de controle da linguagem, no sentido de explorar a problemática complexa que uma das faces deste controle – precisamente o binômio “fala versus silêncio” – revela, se tomada à luz da raça, do gênero, da classe e de uma variedade de possíveis categorias analíticas que se inscrevem nos territórios da cultura, da sociedade e do comportamento. A disputa, contudo, não teria caráter de revanche, muito menos pretenderia substituir necessariamente um centro por outro, ou uma tinta por outra, sob o risco de favorecer um parâmetro ambíguo assaz similar ao que se quer combater. Nas palavras de Lívia Natália:

quando articulamos [...] a ideia da intencionalidade ideológica do estabelecimento do cânone, compreendemos que, diante dele, há de se ter uma postura iconoclasta. A força desta mão não está em destruir definitivamente o cânone, silenciando-o. Pelo contrário, cabe a esta mão, metonímia de um pensador, sacudir, com força, a quietude com que aceitamos esta cadeia política e denunciar, pelo abalo produzido, as fissuras de onde surgirão os questionamentos (2013, p. 91).

Deve-se considerar, a rigor, a potência didático-peda-

gógica das literaturas negras para a afirmação e a consolidação de uma educação antirracista, o que significa, em primeiro lugar, não perder de vista o papel decisivo que elas desempenham na formação de novos públicos. Estes, por sua vez, garantem àquelas o óleo necessário para que a roda da engrenagem continue girando, e assim, o processo se dá como que de modo retroalimentar, porque os interlocutores nele envolvidos intuem que o ponto de interesse para o qual convergem está diretamente ligado à manutenção desta potente rede cíclica de rubrica identitária, razão pela qual se pode considerar que a relacionalidade estabelecida entre os sujeitos integrantes da comunicação consistirá em uma ação absolutamente sustentável. Ao tornar audíveis muitas vozes ocultas (cf. Noa, 2009), esta rede identitária revela um caudal de saberes profundos – produzidos desde os povos originários e emergidos da entranha das comunidades tradicionais – saberes sem os quais o Brasil não pode ser lido, sequer pensado, na sua inteireza cultural. Significa, em segundo lugar e ainda no esteio da premissa anterior, compreender as literaturas negras brasileiras, em cujo arquivo salta a veemência com que o signo da revisão se impõe frente à necessidade de expressar a memória, muitas vezes traumática, compreendê-las como alternativa de retorno à própria história da nação, desta vez emanada dos sujeitos que lhe constituem a base e que representam, por isso, parte significativa de seu currículo mais genuíno. Como corolário, esta espécie de sublevação das vozes negras (que aqui ganha sentido de um quilombo residual, todo insurgido nas trincheiras da criação literária) desautoriza o discurso da pretensa uni-

versalidade que suplementa as letras hegemônicas e promove o debate acerca das diferenças nas quais a vida social está alicerçada, fazendo-o com a consciência, mas sobretudo com a responsabilidade, de que quanto mais afirmado for o lugar da comunicação multi-referencial, tanto mais urgente será a implementação de uma socialidade cultural efetivamente democrática, capaz de garantir conformação às dinâmicas heterogêneas.

A despeito do espaço literário conquistado por escritoras e escritores negros, cujas obras têm sido, na grande maioria dos casos, ou autofinanciadas ou produzidas à guisa de manufaturação, a despeito da inegável episteme estabelecida por produções independentes que têm sido capazes de furar o bloqueio da academia e de subverter, em certo grau, a lógica do mercado editorial brasileiro, a despeito do crescente interesse do público pelas produções negras – o que obriga as maiores editoras do país a considerar, mesmo que reduzidamente, esta pauta em seus catálogos –, enfim, a despeito das sucessivas mudanças, ainda parece muito tímida a circulação da prosa e da poesia periféricas quando comparada à de autores não-negros.

Para se ter ideia, uma investigação realizada pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da UnB, entre 2003 e 2018, a partir de um corpus de quase setecentos romances nacionais, publicados ao longo das seis últimas décadas, concluiu que a autoria negra não ocupa nem 3% desse universo. A porcentagem, ínfima, torna-se ainda mais aviltante ao ser confrontada com os resultados do Censo demográfico, produzido pelo IBGE em 2010, que revela que mais da metade da população brasileira é formada por

pretos e pardos autodeclarados. Inúmeras são as vozes que se levantaram e continuam a se levantar em oposição ao enorme hiato que o racismo estrutural legou à história da literatura brasileira, aliás, o mesmo racismo que subtraiu de Teixeira e Sousa o lugar de romancista de fundação, que interditou Luís Gama e abreviou a potência mística de Auta de Souza, que esmaeceu a negritude de Machado de Assis, que condenou Cruz e Souza e Lima Barreto às galés do sofrimento psíquico, que alijou a produtividade de Lino Guedes e legou ao esquecimento a escrita de Aloísio Resende, de sorte que não é exagerado classificar o silenciamento da produção artística negra como estratégia das mais caras ao racismo e ao sistema de privilégios que ele inaugura e sustenta.

Porquanto sejam inúmeras as vozes que congregam o quilombo residual, torna-se impossível, aqui, listá-las em sua totalidade, e é sabido que nem todas alcançam a amplitude merecida. Entretanto, a fim de tentar estabelecer uma brevíssima diacronia inexata das literaturas negras, faz-se necessário assinalar alguns nomes: agente central das articulações iniciais em torno da institucionalização dos movimentos negros do país, o paulista Abdias do Nascimento produziu, especialmente entre os anos de 1960 e 1980, uma poesia à brasileira de combate ao racismo, muito sob a influência das teses do Pan-africanismo, das transformações advindas do *Harlem Renaissance* e das lutas pelos direitos civis nos Estados Unidos.

Nesta cepa estão presentes o poeta recifense Solano Trindade e o também paulista Carlos de Assumpção; a força do bardo alargou horizontes, atraindo pessoas, a um só tempo, identificadas e compromete-



tidas com a pauta da igualdade racial, a garantia de direitos às minorias e a luta em defesa da representatividade. Muitas delas ensinaram esforços em prol de uma política mais orgânica quanto à publicação e distribuição das produções negras. É com este espírito que nascem alguns grupos literários ativistas no país, a exemplo do longo Quilombhoje, em São Paulo, do Negrícia, no Rio de Janeiro, do GENS (Grupo de Escritores Negros de Salvador), na Bahia, e do Palmares, em Porto Alegre. Neste ínterim, dá-se também a criação da Mazza Edições, editora fundada em 1981, pela militante negra Maria Mazarello Rodrigues, e já antes, no ano de 1975, estreava no comércio dos livros a Pallas Editora, que, desde então, abriga em seu portfólio uma expressiva quantidade de vozes negras.

Fato marcante ocorre em 1978, com a idealização dos Cadernos Negros, série que passou a ser coordenada pelo grupo Quilombhoje, a partir de 1980, e que até o presente permanece como um dos principais veículos de divulgação das textualidades negras brasileiras; passados mais de quarenta anos desde o feito, tem-se, como saldo, a presença de editoras voltadas espe-

cialmente para o tema das relações étnico-raciais, entre as quais, a Nandyala Livros, a Ciclo Contínuo Editorial, a Ogum's Toques Negros, a Editora Malê e a Padê Editorial. Atravessando cenas importantes da história nacional, passando pela tragédia da ditadura militar, iniciada em 1964, até a redemocratização do país, duas décadas mais tarde, as vozes que emergiram nesse período e as que se firmaram um pouco depois, nos anos 90 e mesmo nos anos 2000, tratam do corpo, do passado e do Brasil negros como símbolos do que resistiu à requintada empresa racista. Nesta fase profícua de aprofundamento da crítica e da criação literária, destacam-se, inicialmente, nomes como os de Ruth Guimarães, Oswald de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues, Oliveira e Silveira, Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Joel Rufino dos Santos, Cuti, José Carlos Limeira, Éle Semog, Salgado Maranhão, Jônatas Conceição, Mirian Alves, Fátima Trinchão, Esmeralda Ribeiro, Aline França e, mais tarde, Ronald Augusto, Edmilson de Almeida Pereira, Miró da Muribeca, Lande Onawale, Ricardo Aleixo, Elisa Lucinda, Jovina Souza, Ana Maria Gonçalves, Rita Santana, Cristiane

Sobral, Lívia Natália e Fábio Mandingo.

Com a possibilidade de ampliação da circulação dos textos por via também das mídias sociais, vozes negras seguem no *front*, a produzir discursos de enfrentamento e a questionar a "ordem" unilateral das coisas; conectadas com as questões que marcam o conturbado início do século XXI, com o crescimento de setores conservadores no país, de ataques ao conhecimento e à cultura, de sufocamento das políticas de inclusão, com a violência da necropolítica articulada pelo Estado contra as populações mais vulneráveis, tais vozes emergem de campos distintos de interesse e de atuação, mas, não obstante as muitas afiliações que assinam, convergem na construção de um projeto sólido em torno da diversidade, sendo possível citar Alex Simões, Cidinha da Silva, Jeferson Tenório, Allan da Rosa, Cássia Vale, Nelson Maca, Davi Nunes, Jairo Pinto, Hildália Fernandes, Lubi Prates, Eliana Alves Cruz, Vagner Amaro, Tatiana Nascimento, Vânia Melo, Negafya, Marcelo Ricardo, Gonesa Gonçalves, Jacquinha Nogueira dentre tantas Outras, Outros e Outres que abastecem a utopia de um Brasil menos destoante

## Referências bibliográficas

ADICHE, Chimamanda Nigozi. *O perigo de uma história única*; Trad. Julia Romeu. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

DALCASTAGNÈ, R. *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 26, p. 13-71, 14 jan. 2011.

DALCASTAGNÈ, R. *Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 31, p. 87-110, 5 jan. 2011.

DUARTE, Constância L; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Org.) *Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Editora Idea, 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*; Trad. Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA, 2008.

HOUNTONDI J. Paulin. *Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos*. In: *Epistemologias do Sul – Revista Crítica de Ciências Sociais*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2008.

IBGE. Censo de 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 20 out. 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. 9.ed. São Paulo: Ática, 2007.

LITERAFRO: Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em:<<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>>. Acesso em: 26. out. 2020.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NATALIA, LIVIA. *A lírica menor: por uma teoria da literatura das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. In: SANTOS, José Henrique dos; RISO, Ricardo (Org.) *Afro-rizomas na diáspora negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2013.

NOA, Francisco. *As falas das vozes desocultas: a literatura como restituição*. In: GALVES, Chorlot; GARMES, Helder; Ribeiro, Fernando Rosa (Org.) *África-Brasil: Caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

REIS, Mari Firmina dos. *Úrsula*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

ROCK, Edi; BROWN, Mano. *Negro Drama*. By Racionais MC. *Nada como um dia após o outro*. Vol. 1 & 2. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.



# A escrevivência como fundamento

Henrique Marques Samyn

O conceito de escrevivência emerge na produção intelectual de Conceição Evaristo como resultado de um longo processo dialético, enraizando-se tanto em seus trabalhos acadêmicos – constituindo um momento fulcral sua dissertação de mestrado, *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, cujas ideias foram posteriormente sintetizadas em

artigo homônimo – quanto em sua obra literária – no âmbito da qual demanda relevo seu primeiro romance, *Becos da Memória* –, ainda que perpassasse toda a sua escrita, nos mais diversos gêneros. Não obstante, meu propósito aqui não é proceder a uma historicização do conceito, mas sim investigar suas condições de possibilidade e seu estatuto como funda-

mento de uma prática literária.

Considerando-se a complexidade do desenvolvimento do conceito de escrevivência, impõe-se determinar um ponto de partida. Com esse propósito, resgato um trecho do depoimento concedido por Evaristo, em 2017, ao jornal *Nexo*, sob o título *Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra*:



Quando falei da escrevivência, em momento algum estava pensando em criar um conceito. Eu venho trabalhando com esse termo desde 1995 – na minha dissertação de mestrado, várias vezes fiz um jogo com o vocabulário e as ideias de escrever, viver, se ver. Usei “escrevivência” pela primeira vez em uma mesa de escritoras negras no seminário “Mulher e Literatura”. Terminei meu texto dizendo que a nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. Este termo nasce fundamentado no imaginário histórico que eu quero borrar, rasurar. Esse imaginário traz a figura da “mãe preta” contando histórias para adormecer a prole da Casa Grande. E é uma figura que a literatura brasileira, principalmente no período Romântico, destaca muito.

Quero rasurar essa imagem da “mãe preta” contando história. A nossa “escrevivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande.

[A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira.

Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de es-

crevivência.

Extraio dessa citação um conjunto de considerações que podem constituir subsídios para uma análise que, prescindindo de perspectivas genealógicas ou historicizantes, faculte a construção de uma hermenêutica:

(i) o conceito de escrevivência propõe a rasura de um elemento do imaginário histórico – qual seja: a figura da “mãe preta” – associado a um modo particular de contar histórias, propondo, no lugar desta, uma outra perspectivação;

(ii) a perspectivação subjacente à contação de histórias desde a escrevivência é indissociável das vivências particulares e coletivas das mulheres negras;

(iii) a escrevivência designa, mais especificamente, a escrita da vivência da mulher negra na sociedade brasileira.

Desse modo, viabiliza-se o estabelecimento de uma via analítica tripartite, o que me permitirá desenvolver com mais pormenores as reflexões em torno do conceito. Para tanto, recorrerei, sobretudo – embora não exclusivamente – a considerações da própria Conceição Evaristo, assim reconhecendo a posição da escritora como intelectual negra, ou seja: como pensadora crítica e teórica cultural, autora também de uma relevante obra não ficcional – embora essa seja deslocada para segundo plano, consoante a dinâmica opressora que incide sobre as intelectuais negras, já denunciada por bell hooks.

### Rasurar a “mãe preta”

Conforme reconhece Conceição Evaristo, a emergência do conceito de escrevivência deriva de uma motivação em particular: o propósito de borrar ou rasurar a figura da “mãe preta”, constante do imaginário histórico brasileiro

– e, conseqüentemente, das produções literárias que a ele estão associadas.

A “mãe preta” é uma derivação estereotípica da “ama de leite”, expressão que designava as mulheres escravizadas que eram compradas ou alugadas com o objetivo de amamentar os filhos das senhoras brancas, durante o período de aleitamento; a percepção folclórica fez destas mulheres “um apêndice da família patriarcal-escravista”, no dizer de Clóvis Moura. Não obstante, cabe ressaltar que essa figuração imaginária implica a ocultação de um sistema profundamente opressor; nesse sentido, a “mãe preta” pode ser compreendida como uma “imagem de controle”, como proposto por Patrícia Hill Collins – isto é: uma imagem cujo propósito é naturalizar e normalizar o racismo, o sexismo e a pobreza, assim como outras formas de injustiça social. Com efeito, resguardando-se as (não poucas) especificidades dos distintos contextos sociais e culturais, podem-se divisar analogias entre as imagens de controle da “mãe preta”, no Brasil, e da “mammy”, nos Estados Unidos: dispensando às crianças brancas mais cuidado e amor do que os conferidos às suas próprias crianças, as “mammies” constituem uma representação simbólica das



Foto: Elaine Campos

mulheres negras como idealmente concebidas pelo grupo dominante.

Assim como as “muçamas”, as “amas de leite” ou “mães pretas”, presentes no âmbito doméstico, foram submetidas às múltiplas formas de violência constantes do espaço senhorial – tanto os castigos físicos e as violações sexuais quanto as decorrentes da dominação simbólica ou psicológica. Para além disso, ao passo que às “mães pretas” era imposto o dever de cuidar da prole dos dominadores brancos, recusava-se-lhes o direito ao exercício da maternidade no que diz respeito a seus próprios filhos e filhas. Isso é algo perceptível em anúncios de periódicos oitocentistas, de modo implícito (quando não se referiam às “crias”) ou explícito (quando ostensivamente mencionavam a venda ou o aluguel de amas de leite “sem cria”); não menos reveladora é a negociação de amas de leite acompanhadas de suas “crias” por preços mais baixos, bem como a venda ou oferta de crianças negras de poucos meses.

Contudo, enquanto produção folclórica concebida pelo imaginário senhorial, a “mãe preta” opera em articulação com outro elemento ficcional – a saber: o mito do escravizado pacífico, que resignadamente se submetia à opressão, sem empreender quaisquer formas de resistência. Entretanto, vale resgatar as ponderações de Lélia González acerca da “mulher negra, essa quilombola”: precisamente pela posição que ocupavam no sistema escravista, as “mães pretas” puderam desenvolver formas de “resistência passiva”, inserindo as categorias das culturas negro-africanas no imaginário do dominador; foram elas as responsáveis por africanizar o português falado no Brasil, trans-

formando-o no “pretuguês”, e por inscrever figuras como o Zumbi na mentalidade senhorial. Na verdade, essa atuação não passou despercebida aos olhos dos dominadores, que em diversos momentos alertaram para a influência “corruptora” das “mães pretas” sobre as famílias brancas – já a partir das cantilenas entoadas junto aos berços, que acabavam por plantar indesejáveis se-

mentes nas “tenras alminhas” das crianças brancas.

Importa observar, por conseguinte, que a proposta de rasura da “mãe preta” por parte de Conceição Evaristo não implica um desconhecimento da real condição das mulheres negras escravizadas, mas sim uma recusa do modo como o imaginário romântico e folclórico produziu uma distorção da atuação efetiva dessas mulheres



Foto: Lucas Jones

a partir de um falseamento das relações opressoras. É contra essa ficcionalização que a intelectual negra investe ao denunciar a negação da imagem de mulher-mãe às personagens negras femininas na literatura brasileira, a quem não era permitido afirmar-se como “centro de uma descendência”: restava-lhes o lugar da “mãe preta”, a que direcionava seus cuidados para os filhos dos brancos; ademais, a infertilidade das “mães pretas” pode ser interpretada como um dispositivo literário cujo propósito é rasurar os sentidos intrínsecos à matriz africana, deliberadamente ignorando o papel desempenhado pelas mulheres negras na formação da sociedade brasileira.

Note-se, portanto, a presença de um postulado segundo o qual a resignação da “mãe preta” se refletiria também no âmbito subjetivo, uma vez que ela seria meramente a reprodutora de narrativas produzidas na esfera da cultura dominante; daí seu papel como contadora de histórias “para adormecer a prole da Casa Grande”, nas palavras de Evaristo. Desde essa (racista e reacionária) leitura, a “mãe preta” seria uma cúmplice no falseamento das relações opressoras, contribuindo decisivamente para o assujeitamento da população negra – em oposição, portanto, à “resistência passiva” enfatizada por Lélia González. Nesse sentido, quando Conceição Evaristo propõe uma inversão dessa dinâmica, “rasurando” essa imagem, pode-se entrever um resgate estratégico da real atuação das mulheres negras escondidas sob a figura estereotipada das “mães pretas”: não como agentes conformados a serviço da elite senhorial, mas como elementos desestabilizadores da sociedade escravista.

## O fundamento da diferença

É de crucial importância perceber que a “rasura” proposta por Conceição Evaristo diz respeito à subversão de uma prática. Se, no imaginário folclórico branco, a função da “mãe preta” é contar histórias falseadoras que meramente reproduzem as relações de poder, a ultrapassagem daquela imagem de controle desvela uma nova possibilidade – já investida de um sentido revolucionário e emancipatório: a de que a contação de histórias tenha lugar enquanto movimento disruptor das estruturas opressoras. É preciso enfatizar, todavia, que isso implica o resgate de atos originários, enquanto recuperação dos gestos subversores empreendidos por mulheres negras escravizadas que, como observou Lélia González, desestabilizavam a cultura dominante “por dentro”. Podemos evocar, aqui, a reflexão de Audre Lorde, segundo a qual a casa-grande nunca poderá ser derrubada pelas ferramentas do senhor: é preciso mobilizar um conjunto de práticas e saberes mantidas longe do espaço senhorial, mas preservadas pelas mulheres “forjadas nos cadinhos da diferença”.

No caso específico de que tratamos, o fundamento dessa diferença tem um sentido triplo: diz respeito à condição racial (ou seja: à negritude), ao gênero (ou seja: à condição feminina) e a um lugar na ordem política e econômica (ou seja: à “classe”, *lato sensu*). É imprescindível, portanto, a evocação do conceito de interseccionalidade, sobretudo como cunhado por Kimberlé Crenshaw – não se desconsiderando uma história intelectual que remonta aos anos 1970 –, considerando-se os muitos fatores que diversamente e mutuamente afetam os even-

tos e condições da vida subjetiva, social e política; destarte, no que tange à desigualdade social, as vidas particulares e a organização do poder devem ser compreendidas como produtos de eixos que operam em conjunto, influenciando-se reciprocamente. Não obstante, em tempos recentes, os usos do conceito de interseccionalidade podem ser questionados, à luz da advertência de Ann Ducille, sobre um interesse pela produção de pensadoras negras não como uma disciplina com uma história, um *corpus* acadêmico e representantes intelectuais, mas como um campo aberto, disponível e ilimitado, para que qualquer pessoa nele recolha o que quiser; assim, importa considerar que o conceito demarca “o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra”, como observa Carla Akotirene.

O entendimento do sentido das vivências de mulheres negras demanda, por conseguinte, uma atenção para heranças históricas que foram, e continuam a ser, invisibilizadas. Quando indagou sobre a incidência do sexismo na experiência das mulheres negras escravizadas, bell hooks chamou a atenção para a subestimação desse fato a partir do pressuposto de que elas eram, simplesmente, menos importantes; por sua vez, Angela Davis enfatizou a condição anômala das mulheres escravizadas, vistas como unidades de trabalho lucrativas pelos proprietários e incompatíveis com a ideologia epocal da feminilidade. No Brasil, as mulheres negras tiveram crucial importância para a organização da comunidade negra, através da formação de famílias matrifocais e de iniciativas culturais que favoreceram a formação da identidade e a coesão entre os grupos africanos e seus descendentes.

tes, como observou Jurema Werneck; no mais, sobejam análises acerca do impacto histórico da escravidão sobre situação das mulheres negras, podendo-se destacar os nomes de Lélia González, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro, entre outras pensadoras de indiscutível representatividade.

A compreensão do sentido da vivência negra implica a evocação de um processo histórico constitutivo de uma ontologia que impede a compreensão do ser do negro – que, como sustentou Frantz Fanon, não tem resistência ontológica aos olhos do branco. Se consideramos a autoelaboração descrita pelo intelectual martinicano, percebemos que os esquemas propostos (corporal, histórico-racial e epidérmico) não contemplam a dimensão do gênero. Podemos, assim, indagar pelo significado da

tripla autorresponsabilização (pelo corpo, pela raça e pelos ancestrais) no que tange às mulheres negras; ou como o “olhar objetivo” dirigido a si mesmo, determinante da descoberta da negridão, deve ser entendido, no que diz respeito às mulheres negras. Quando, em *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon manifesta o desejo de ser simplesmente um homem entre outros homens, ou de ser nada mais do que um homem, ele ainda não alcança a questão particular da existência das mulheres negras; trata-se da expressão de uma ânsia que não chega àquele “território medial” por elas ocupado, para evocar expressão de Grada Kilomba.

### Vivências-escritas

Desse modo, falar sobre vivências de mulheres negras demanda o enfrentamento

de um avassalador conjunto de processos de invisibilização, de silenciamento e de epistemicídio – tarefa que tem profundas implicações históricas e ontológicas. Por outro lado, a própria possibilidade de construção do discurso sobre essas vivências implica uma ruptura de ordem epistemológica. O fato de que as narrativas literárias não prescindem de processos de validação pode ser comprovado pela constituição de cânones tributários dos valores e interesses da branquitude, em evidente articulação com critérios patriarcais; é isso o que, no caso do Brasil, explica a ausência de nomes de incontestável representatividade no campo da literatura negro-brasileira, como Maria Firmina dos Reis ou Carolina Maria de Jesus. No que tange à epistemologia feminista negra, Patricia Hill Collins destaca, a



Foto: Ana Maria Nascimento

propósito das mulheres afro-americanas, diversos fatores que estruturam suas vivências: as organizações da comunidade negra, que refletem princípios dos sistemas de crença influenciados por valores africanos; tradições maternistas que estimulam entendimentos politizados do trabalho maternal efetuado por mulheres negras; e um sistema de classes que relega às posições mais baixas da hierarquia social as mulheres negras trabalhadoras. Se atentamos para as convergências possíveis com a realidade brasileira, percebemos que as mulheres negras, enquanto agentes de conhecimento – e produtoras de discursos, tanto literários quanto não-literários –, ocupam lugares sociais específicos, tendo acesso a lugares de fala particulares (como enfatizado por Djamila Ribeiro) e a lugares de pertencimento marcados pela ausência (aludo, aqui, à “dororidade” conceituada por Vilma Piedade).

A escrita das vivências das mulheres negras é indissociável de uma subversão epistemológica fundamental, cujas condições de viabilidade permanecem para além dos espaços senhoriais. No caso de Conceição Evaristo, isso pode ser percebido pela leitura de alguns trechos dos textos introdutórios às seções de *Poemas da recordação e outros movimentos*. No parágrafo que abre o primeiro conjunto de poemas, lemos:

O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia...



Foto: Joyce Fonseca

A enumeração de imagens propicia a reconstituição de uma ambiência preservada na memória. A mescla entre as dimensões objetiva e subjetiva, alusiva a uma relação de pertencimento, é evidenciada pela presença de indícios e elementos associados aos objetos concretos: sob a luz do sol, as “roupas estendidas no varal” ensejam a felicidade materna; os lençóis estão molhados por “pequenas lágrimas”; os fiapos das “nuvens solitárias” ao redor das bacias e das tinas manifesta uma percepção particular da realidade, mediada por uma sensibilidade apurada. A “comoção maior” alude à leitura do mundo que determina a emergência do estado poético, reconhecido pela subjetividade – ainda que essa não dispusesse dos recursos para nomeá-lo. O que subjaz a essa impossibilidade de nomeação é o desconhecimento formal do conceito de poesia; entretanto, é também isso o que oferece as condições necessárias para a eclosão das raízes de uma produção literária a partir daquela realidade, para

além da tradição canônica ou erudita.

No texto que introduz o quinto conjunto de poemas da obra, Conceição Evaristo relembra o momento em que a lamparina do pequeno cômodo no qual dormia, com as irmãs, era apagada:

Ao apagar das luzes, minhas irmãs logo-logo adormeciam, confortadas com as lembranças de nossas falantes brincadeiras, em que, muitas vezes, a mãe era a protagonista. Aí, sim, a noite e seus mistérios se abatiam sobre mim. E tudo parecia vazio a pedir algum gesto de preenchimento. Escutava ainda os passos de minha mãe se afastando. Instantes depois, podia colher pedaços da voz dela, colados a outros de minhas tias e de vizinhas mais próximas. Apurava os sentidos, mas o teor profundo das conversas me fugia, diluindo-se no escuro. Então eu inventava dizeres para completar e assim me intrometer nas falas distantes delas. Todas as noites, esse era o meu jogo de escrever no escuro.

Cabe atentar para o fato de que o “gesto de preenchimento” – ou seja: o ato de criação poética – se efetiva a partir de uma demanda do ambiente exterior sobre a subjetividade, o que explicita a essência de uma poética não contingente, mas tributária de uma relação dialética com o mundo. Os mistérios da noite propiciam a quietude que determina uma escuta: os pedaços das vozes das mães e das tias oferecem uma matéria fragmentária a partir da qual a subjetividade inventa novos dizeres, intrometendo-se nas falas distantes; assim, torna-se possível participar do real – ou (re)construí-lo – por meio de uma intervenção ficcional e poética. Repetindo-se todas as noites, essa ação se converte em uma prática, enquanto modo de existência intrinsecamente associado ao ato criativo. Contudo, é importante perceber que, ao mencionar o “jogo de escrever no escuro”, Conceição Evaristo ainda não trata da escrita em sentido convencional: o “escrever”, aqui, tem um significado abstrato, aludindo ao gesto de criação cujo potencial literário é latente, mas ainda não manifesto; uma vivência que determina uma escrita ainda não concretizada, mas já fabulada subjetivamente.

### **Escritas-vivências**

O gesto em que uma mulher negra toma em suas mãos um lápis ou uma caneta, ou leva às teclas seus dedos, produzindo um discurso literário a partir de suas vivências, é sempre um ato subversivo e revolucionário. Trata-se de um movimento que se efetiva em sentido contrário ao que determinam as narrativas e os discursos opressores; uma ação que,

ao manifestar-se como prática de resistência contra uma sociedade patriarcal e racista, constitui um gesto disruptivo no que tange aos próprios fundamentos da nação brasileira.

No desfecho da fala transcrita no início deste ensaio, Conceição Evaristo admite a possibilidade de um entendimento da escrevivência em um sentido amplo, manifesta em elementos como a escolha temática, a seleção vocabular e a construção do enredo, por exemplo; não obstante, o sentido que esse conceito adquiriu a partir de uma compreensão da literatura produzida por mulheres negras como um ato político é o que, de fato, singulariza esse termo, concedendo-lhe todo o seu potencial enquanto instrumento hermenêutico ou como conceito alusivo a um modo específico de criação literária. A invenção da escrita mencionada em “Da construção de becos”, texto prefacial a *Becos da Memória*, ou a eclosão da pergunta mencionada na abertura do conto *Olhos d’água* – dentre tantos outros exemplos possíveis – convergem para um mesmo ponto: a possibilidade de construção do discurso literário enquanto produção escrita que reelabora e registra experiências que pertencem, inalienavelmente, às mulheres negras. Isso faculta duas conclusões relevantes.

Primeiro: importa ressaltar que a escrevivência se situa no polo diametralmente oposto àquele ocupado pelos principais modos de escrita que sedimentaram o cânone da literatura brasileira, se consideramos que este foi constituído por autores homens brancos (ou mesmo embranquecidos pela tradição intelectual brasileira). Isso determina o não-lugar

destinado à literatura produzida por mulheres negras, tanto no que diz respeito às circunstâncias de recepção quanto no que tange aos obstáculos editoriais impostos. Contra isso, entre as possibilidades de enfrentamento, podem-se destacar a recente ampliação dos estudos acadêmicos em torno da literatura produzida por mulheres negras e a fundação de casas editoriais que viabilizam a publicação de suas obras.

Segundo: cabe destacar que, no restrito sentido antes aludido, a escrevivência é um apanágio das mulheres negras – porque apenas a sua condição existencial faculta a produção de textos literários que mobilizem as vivências e as experiências imprescindíveis para “escrever”, determinando o que é acrescentado ou suprimido entre o acontecimento e a narração. Não cabe pensar em termos de um “privilégio”, no sentido convencional, visto que se trata da escrita própria de um contingente social historicamente oprimido e desfavorecido; trata-se de compreender a escrevivência como um ato que deliberadamente investe contra os pilares racistas e sexistas da sociedade brasileira, questionando seus valores mais profundamente enraizados. Se isso não significa que, em sentido lato, deslizamentos não possam se revelar profícuos – sobretudo no que diz respeito a vidas precarizadas ou subjetividades marginalizadas, que podem se apropriar do conceito como uma via para a humanização –, admitir a vinculação fundamental entre as mulheres negras e as escrevivências implica respeitar uma relação de pertencimento; e prestar o reconhecimento que lhes é devido, como escritoras e intelectuais.

# Inéditos

## APRESENTAÇÃO

**Simone Ricco**

Sete meses, centenas de dias e longas noites de Pandemia. Leituras intensificadas e um contato mais estreito com textos que oxigenam o isolamento. A palavra oscilando entre o desencantar existente na maioria das notícias e o (re)encantar promovido por escritas literárias que, quebrando protocolos de biossegurança, nos abraçam ou nos fazem circular por cenários diferentes da surrealidade paralisante.

Enquanto os corpos circulam com moderação, cresce a demanda para soltar o verbo. A palavra se faz escrita, invade telas e papéis onde são registradas narrativas derivadas da leitura do livro do mundo pandêmico.

Nesta seção, publicamos alguns desses textos. São poemas criados a partir da provocação de pensar as imbricações entre literatura e pandemia. Atravessados por subjetividades e atravessando territórios diversos, 14 convidadas refletem a pluriversidade da cena poética preta.

Aquilombadas, vozes e escritas remetem à sabedoria ancestral de Conceição Evaristo, no poema Todas as manhãs, no qual a autora afirma acreditar "que os nossos sonhos protegidos/pelos lençóis da noite/ ao se abrirem um a um/no varal de um novo tempo/escorrem as nossas lágrimas / fertilizando toda a terra/ onde negras sementes resistem /reamanhecendo esperanças em nós".



\* A Revista Mahin Convidou o Jornalista Niltim Lopes para apresentar um ensaio fotográfico para a seção inéditos. Niltim é jornalista, educador, coordenador da CIPÓ - Comunicação Interativa.

# TUDO ISSO VAI PASSAR

Angela Peres

Meu mestre é um preto velho que vem andando devagarinho  
Tocando seu berimbau...  
Na sua cantiga revelou que há 2 mundos  
O antigo, que está passando; e o novo, que vem chegando

Viajei no seu cantar e enxerguei o novo mundo  
Um mundo em que pessoas se importam com as outras  
Nenhuma diferença é vista desigual  
Cada um conforme seu cada qual  
E o amor é o imperativo ideal  
Qualquer outro humano, animal,  
Qualquer consciência numa só, universal

Um mundo em que a harmonia reina  
Em que não se sabe mais o que é guerra  
Encontrou-se a paz consigo mesmo  
As fronteiras nacionais não existem mais  
Cada um está onde deseja estar  
Cada um faz o que deseja fazer  
E só os antigos lembram do tempo  
Em que se trabalhava por uma coisa chamada dinheiro  
Em que se vivia pra pagar conta  
E quase ninguém fazia o que veio com dom pra fazer

Ali no novo mundo o trabalho expressa a essência  
Ninguém aliena nem explora  
A vida é o que mais importa  
Não há lucro, só o justo  
Cada um tem o que precisa para si e para os seus  
E ninguém ambiciona ter além.  
Além pra quê?  
Acumular é verbo de histórias antigas de um mundo que se foi

As crianças brincam felizes, sabendo que não precisam lutar contra ninguém  
Apenas fazer a sua parte e construir sempre o bem  
Jogo contrário perdeu a graça, ali só joga junto, em conjunto  
Concorrência, competição... nada disso existe mais  
Estão todos numa mesma missão  
Nesse mundo não existe solidão

De repente ouço um toque de iúna,  
E na voz daquele gunga descobri minha missão  
Enxerguei antigos mestres, guiando a caminhada  
Apresentando a estrada pra esse futuro acontecer

Deixe sua semente florescer daqui pra frente  
Faça dessa ponte o lugar de onde se vê o horizonte  
Não acredite no final que eles querem fazer crer  
O novo mundo é feito agora, o portal está aberto  
O farol, que é interno, indica a liberdade  
Caminhe com humildade e na origem está o vir a ser da humanidade

Voltei para onde estava, e meu Mestre o toque terminava  
Na roseira que ao seu lado estava, uma flor desabrochava  
Ele disse apenas: gratidão,  
Sorriu com sapiência  
Gratidão era a chave para acessar a nova consciência

A nova possibilidade que está aberta para toda a humanidade

Descoberta  
Nos dias de reclusão  
Me vi em silêncio  
E o não ter para onde ir  
Diante a morte e a revolta  
Movimentou as rotas  
Das histórias que carrego  
Em minha corpa  
Longas caminhadas  
De choros e gozos  
Que desagui  
Nas andanças  
E camas  
Que passei  
Mulher Preta que sou  
Servir e zelar  
Foi o pote cheio deixado  
Sem opção  
Para a escolha  
Sem tempo  
Para o próprio cuidado  
Olhei dentro  
Me vi lamaçal fecundo  
E mergulhada em minha  
Íntima cabaça  
Líquida da vida e morte  
Despertei a colmeia  
Que trago no ventre  
E lambuzada no mel do meu  
gozo  
Recebi o sopro ancestral da li-  
bertação  
Sagrado também é meu tesão  
Sou uma Preta erótica!  
E em tempos  
De doença e luto  
Águas profundas e frias  
Tenho urgências pelo prazer  
Práticas da desobediência  
Para eu gozar viço e rebeldia  
Curar as dores  
Transbordar  
De amor comigo  
E aquecer os meus dias



Foto: Niltim Lopes

30 dias

Eu sem maquiagem, adornos,  
Disfarces ou coisa que valha  
Inteira, contraditória e nua  
Menina lua  
Cíclica e, porventura,  
Farta nas ancas e nas palavras.  
Pequena como um passarinho  
Gigante como a fome  
Somática e delirante  
Composto intercambiante,  
Sedimentado resultado entre  
Os ultrajes do sensor  
E o peso da audiência.

90 dias

Eu, instalação  
E não sem dor,  
Também incongruência  
Rebolado matinal  
Flor murcha  
Impermanência  
A inexata sequência de  
Flamejantes momentos.  
Lótus  
Poeira em movimento

Madeira podre  
Tornozelo rachado  
Ressecamento.  
Vulva molhada  
Mãos abertas  
Acolhimento.

110 dias

Matéria bruta feita de água  
salgada  
E pimenta doce  
De um azedume poroso...  
Adubo cínico  
Pés largos,  
Passos estreitos.  
Janelas azuis  
Me abrem a vida  
Portais ancestrais  
Entre dois mundos.  
O visível,  
Que me atormenta  
E o invisível,  
Que me emociona.

Parei de contar  
Carrego casas

De outros tempos  
Na garganta  
Proprietária descapitalizada  
Dona de um  
Conta-gotas sedento  
Cabeça de cimento  
Ladeira empoçada  
Dedo em riste  
Procedimentos.  
Unhas pretas  
Em desatento...

Não sei nem o significado  
E a dimensão disso tudo  
Na dúvida entre ser  
E entender  
Sigo  
Colecionando  
Memórias seculares  
Cheias de coroas  
De espinhos  
E linhas vasculares  
Sem apocalipse  
Em mim  
O sangue mensal  
Morre  
E  
Nasce.

*Hermana,*

Tenho pensado tanto em você.  
Queria que estivesse aqui  
Penso em tudo o que já vivemos  
No horror dessa guerra declarada  
As pessoas de nossa cor  
Desesperança nunca habitou  
Seus passos, nem sua mirada  
Ter você por perto me deu horizonte

A solidão tem me arrebatado  
Sinto muita falta da rua  
Não consigo me adaptar  
A essa liberdade cerceada  
O isolamento é um cárcere  
Lamento pelos abraços  
Tão preciosos em outros tempos  
Que não se fazem possíveis  
Ao menos por enquanto

*Sista,*

Não consigo dormir à noite  
Parei de ver os noticiários na televisão  
E não quero me acostumar  
Com a virtualidade como única opção  
Você sabe, sempre fui a mais medrosa de nós

Agora que os ponteiros do relógio  
Marcam a repetição, agoniantes horas  
Eu me recordo da Celie  
As cartas que escrevia para Deus e sua irmã  
Nettie  
A propósito, a *Cor Púrpura*\*  
Foi o primeiro livro que lemos juntas  
Engraçado como a literatura  
Sempre nos uniu

Agora que o tempo parou  
E todos os dias são quase iguais  
Tenho lido para não enlouquecer  
Tenho escrito para não me afogar

E ando de um lado para o outro da casa  
Para não endurecer de vez  
Preciso saber das suas estratégias  
Para manter a sanidade mental  
Diante da ameaça rotunda da morte  
Quero ler poemas que te façam voar  
Como aqueles de ontem  
Em *Canções de amor e denço*\*\*

***Irmã,***

Nunca fui boa com despedidas  
Você, melhor que ninguém, sabe  
Tem alguns livros que nunca li o final  
Tenho medo de saber o que acontece  
Encerrar, acabar e deixar ir  
São verbos que nunca soube conjugar  
O mundo inteiro vivendo a mesma crise  
Será que assim entenderão nossa dor?  
Será que reverenciarão nossa sabedoria?  
Será que nos devolverão nossa paz?  
Não tenho certeza

Não posso duvidar do tempo  
Enquanto vivemos sob ameaça  
Espelho-me em seus ensinamentos  
Sobre cruzar fronteiras dentro e fora  
Na força das histórias escritas  
Por mulheres como nós  
Leitura é alento, alimento, vida  
Onde habitar a poesia  
Sei que você estará

Cuide-se  
Eu vou ficar bem



Foto: Nilfim Lopes

## APESAR DE

**Waleska Barbosa**

Narrativas  
Pandêmicas  
Para falar do nada

Se é mulher periférica subem-  
pregada,  
Em tudo o que dizem você é  
negritada

Letras empaladas  
Emboladas na garganta

Silenciada

Verbo-mulher  
Não se vende não se compra  
não se troca  
Ninguém quer

Vestir sua roupa  
Estar no seu lugar

Assassinada  
Subjugada  
Estuprada  
Abusada  
Vulnerável  
Invisibilizada  
Multitarefa

Há sinônimo para grito

Caleja as cordas  
Batuca a expressão pouca  
A letra rouca  
A fala louca da louca que ten-  
ta falar

Costurada amarrada camisa  
forçada

Exclama  
Brada  
Berra  
Urta  
Ruge  
Chama-se palavra

Escreve

É para ser desafogar respirar  
suspirar gemer chorar gozar

Apesar de

Mulher.

# EXPECTATIVA DE FIM DE MUNDO

Gênesis

Expectativa de fim de mundo  
E ninguém sabe que por aqui  
ainda nem começou  
Bem-vinda consciência corpo  
– casa – terra  
Bem-vinda! Digo a mim mesma  
Bem-vinda a um futuro que tu  
nunca planejou  
Dar adeus e bom dia às incer-  
tezas  
Recriar-se no ventre sagrado  
de uma prostituta  
Ah! Que dois sóis não surgiram

Nem o Cristo retornou  
Mas as palavras ainda são sa-  
gradadas e o meu sangue ainda  
profana  
Sorrio, um riso malicioso  
Que é quase um pranto, um  
luto...  
É o fim, é o fim! Anunciam os  
desesperados.  
E o silêncio das pedras ergue-  
-se em coro  
É o fim do fim das certezas!  
A matemática da recriação

sempre foi precisa  
Chamaremos anos ou eras,  
chamaremos começo ou fim.  
Ou não diremos nada, nenhu-  
ma palavra. Daremos nossa  
cara de espanto.  
Alma, ergue-se! Verdade, er-  
gue-se!  
Cantaremos o fim e o cumpri-  
mento das leis cósmicas  
Expectativa de fim de mundo,  
clima de assombro  
Não há consolo e nem nunca  
existiu. Éramos todos sóis.

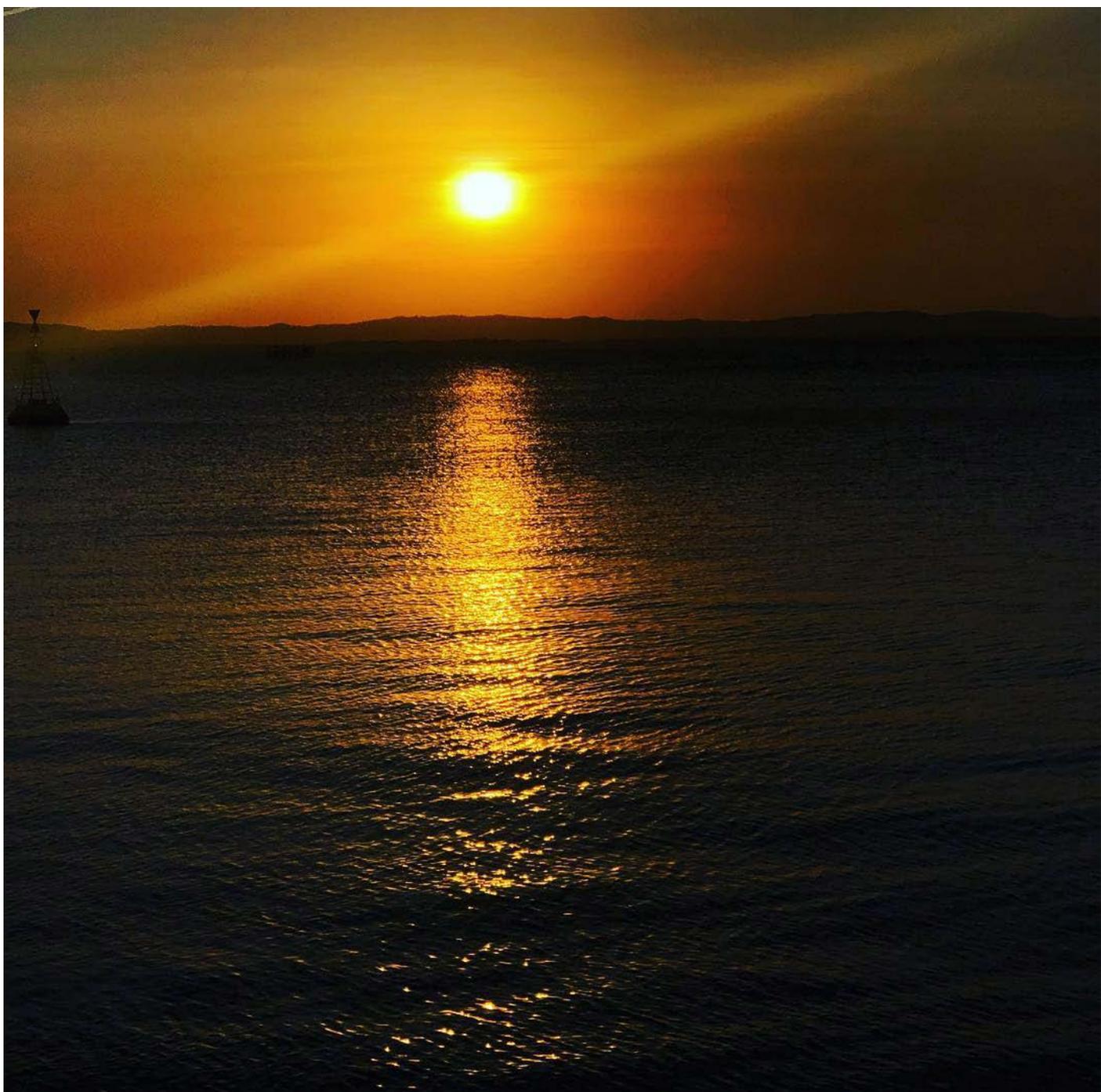


Foto: Nilfim Lopes

# NESSES TEMPOS

Miriam Alves

O olhar da cachorrinha  
O sorriso da menina

Os pés descalços na areia  
O abraço que só ficou no olhar  
O beijo que não saiu da palavra  
O afeto que era perene  
Resistiu ao tempo  
Na lembrança  
Nesses tempos  
Em que a máscara encobre meu sorriso  
Os olhos têm que dar conta de dizer sentimentos

Muita responsabilidade para o olhar  
As lembranças penetram  
Era a perenidade de uma era  
Aquela que vivi

Os olhos da cachorrinha  
O sorriso da menina

O que vi  
Parecia que não ia acabar nunca  
Assim como o mar  
O sal das águas  
O salgado das lágrimas

Nada terá sido em vão  
Usei máscaras, naquele tempo,  
Para esconder a intensidade que fluía ao seu toque  
E agora?

O olhar da cachorrinha  
O sorriso da menina  
Faz lembrar você  
Hoje a máscara é de pano  
E toque não há

# TRANSCENDER

Patrícia Borges e Simone Ricco

Decretada a pan pan pandemia  
caos total  
março, mar de contratos cancelados  
trans e travestis cheios de boletos para pagar  
isolados, confinados e tendo que se reinventar  
corpos dissidentes à margem,  
mais vulneráveis em tempos de máscaras e covardia desmascarada

Como não sair de casa com aluguel pra pagar?  
Tendo que se alimentar?  
O vírus pode ser mortal, com a fome é igual  
O corpo que tem fome também é o ganha pão...  
Se a transfobia não fosse uma epidemia  
Seria mais fácil ter profissão

Pra muitos de nós foi assim:  
no tempo de estudar, viramos professores de nós mesmos.  
Caímos no mundo, correndo atrás do pão e da sobrevivência de cada dia.  
Desde criança deu pra ver que a sociedade normativa é mascarada  
Quando convém, dá uma disfarçada no preconceito,  
Usa estratégia de rotular e desqualificar  
Faz piada pra nos ferir e aliviar a própria libertinagem  
Nos chama de "mulher de pau",  
Ensina "homens de bem" a agir do modo mais boçal,

Empurrando para a clandestinidade quem lhes dá muito prazer  
mas não merece o gozo de bem viver...  
Somos vistas como putas baratas  
Por homens e mulheres convertidos à hipocrisia  
Que oram e agem para tirar nossos direitos, ferir nossa cidadania  
Fecham os caminhos para a poesia

Vou além dessa condição marginalizada,  
Criada por uma sociedade equivocada,  
que não respeita opinião dissidente,  
destrata trans, artista, preto e tudo o que diz ser diferente.  
Transforma preconceito em piada  
E faz adoecer, sofrer e morrer por conta da vida precarizada  
Por se ser quem é...

Tenho muitos motivos para lamentar e lutar  
Vivo lutos, mas tô na batalha pra ser transpoeta  
Transcender demandas com literatura  
Romper isolamento afetivo  
Repór poesia na vida real com o Transarau  
Afetar com versos que fazem, das dores e alegrias, inspiração.  
Escrever movida pelo desejo de mostrar quem somos  
E de exigir reparação

# CAÍ E SEGUREI-ME EM PALAVRAS

Tati Villela

Palavras atravessadas, apertadas lá dentro daquele peito meio sem jeito  
Vivendo uma agonia até então desconhecida  
Palavras e seus embates com o *lockdown* nas avenidas da vida  
Sinal vermelho  
Palavras e seus anseios de chegada aos ouvidos e olhos aflitos  
À espera de ritos em meio a um isolamento  
Palavras num híbrido de dor, esperança e lamento  
Palavras e suas angústias do caos que as cercam numa pandemia  
Palavras que precisavam poe-siar a vida  
Mais do que nunca, naquele momento de disritmia social,  
Poderia ser o amor e coisa e tal  
Mas as palavras salivavam um grande horror  
Que ficou cada dia mais evidente  
comprometendo corações,  
corpos e mentes  
Governabilidades incompetentes  
Incoerentes, porém já sabidas  
As máscaras subiram em uns rostos e desceram em outros  
Pálidas máscaras caídas  
Hipocrisias até então escondidas, mas não desconhecidas  
Fizeram-se assumidas  
Do morro desciam as pretas todos os dias  
Pra cuidar e pegar a tal covid-19 de outras famílias  
Filhas, sobrinhas, primas, mães, tias  
Das pobres casas sumiram os sustentos  
Das mesas sumiram os mantimentos  
A rua virou meu sonho com a esquina devaneio  
precisava passar o tempo

Passei por séries procurando me perder de mim  
Maratonei, me perdi e quase sumi  
Assumi  
Que eu precisava me encontrar  
Meu horizonte umbigo  
Me joguei quando eu queria apenas sorrir  
Medo de mim?  
Dos monstros que me habitam?  
Talvez  
Cacos quebrados, amores mal curados  
Ou descasos da minha saúde pelo próprio estado  
Como pode, estou há tanto tempo comigo e nunca comigo tanto fiquei  
Valorizei alguns momentos do meu dia, respirei  
Meditação, yoga kemética, terapia  
O ar estava rarefeito  
Ele disse: "Não consigo respirar"  
Fiz da sala a minha academia  
A cozinha minha melhor amiga  
O sofá-cama-celular meu amor  
A pia de louça minha maior inimiga  
E lá no portão ou em cima do muro, a dor  
Amanhã vai ser outro dia  
A D O R M E C I  
Ao acordar numa sexta enso-larada,  
Me deparo com medidas tomadas  
Por determinação do Superior Tribunal de Justiça (STJ)  
Preguiça  
Isso tudo nós já sabíamos e sentíamos desde a nuca ao umbigo  
Tá lá! O governador do Rio foi afastado do cargo  
Por suspeita de participação em esquema de corrupção  
Primeira-dama- cloroquina que não

É de ferro também é alvo das investigações  
É tudo de 89 mil pra lá, *mermão*  
Bem pra lá mesmo  
Do lado de cá ainda recordamos os 80 tiros no peito  
Temos aí nosso sexto governador preso  
Nesse *hell de janeura* apoiado por pastores, fascisteiros, carniceiros, baderneiros, ladrões, sanguinários  
Balbúrdia!  
Eles dizem defender o povo e o nosso próprio estado  
Onde, por ironia, a maioria é a favor de Deus  
O mesmo das cruzadas, que não é o mesmo de nossas encruzilhadas  
É o das catequizações dos escravizados e indígenas  
Milíciasss!! Capitães no mato à vista! Terra planiiiiista!  
Um tal de Everaldo ficou Tristão nesse caso  
A presidência irmã da calamidade da nossa Pátria armada  
Brazil exportado  
Que hoje é tomado por Bozos e naros e narcos e barcos amigos de Queiroz!  
Traz a mala p/ nós!  
O meu Deus continua sendo uma mulher preta subindo e descendo ladeira  
Com filhos nas costas e lata d'água na cabeça  
Essas latas têm sido furadas.  
E o sangue de um vermelho rubro preto continua escorrendo por vielas e escadas  
E a gente sabe de onde pra onde  
Do topo só escorre o leite  
Seja das suas mesas heranças do café com leite  
Ou a laia dos donos do gado que afasta e mata nossos povos indígenas e nossos aqui-lombados  
Um Rio contaminado e um céu nublado

Se for favelado, o céu é só traçante  
e caveirão aprumado  
Ser for Pantanal, é queimado  
Se for Amazônia... Quem dá mais?  
Se for ônibus é lotado, quando ainda  
passa é apertado  
Com espirros do lado e ponto final  
certo no SUS  
— Vai descer, Motô!  
Parecia que eu estava caindo

#### A COR DEI

Seria esse um pesadelo?  
Me fortifiquei com minhas palavras-  
-raízes  
Declamando no espelho  
Eu dizia: Escreva, preta, escreva.



Foto: Niltim Lopes

## TRANS-DEMIA

**Bruno Santana**

Isolamento  
Lamento  
Isolar-me da humanidade  
Que retira direitos  
Que é extermina  
E consome corpos trans  
Todos os dias.  
Lamento  
O aumento das mortes,  
A transfobia não dorme  
70%!  
Não há descanso na pandemia.  
Dos altos postos de suas mansões  
Porcos se lambuzam  
Enquanto crianças passam fome  
iFood, Uber Eats  
Exploração, desemprego!  
UTIs lotadas  
Máscaras  
Caem sobre sepulturas  
Desgoverno!  
200 lobos  
Arroz e feijão  
Inflação!  
Animais mortos

Incêndios  
Criminosos?  
Devastação!  
O Agro é pop? O Agro é vida?  
Calor, calor, calor  
Horror.  
Alô, alô  
Dinheiro, cueca, corrupção  
Mais desgoverno!  
A pandemia acabou?  
Cloroquina, vacina?  
Segunda onda...  
Cadê os surfistas?  
Lamento  
Isolar-me  
Alarme  
35 anos, expectativa?  
Brutalização!  
Lamento  
Isolar-me  
Não deu tempo de me despedir.  
Quem chora pelas vidas trans e travestis?

# O MONSTRO INVISÍVEL

Wesley Correia

No silêncio empalhado  
dos cômodos,  
agiganta-se  
o monstro invisível.

Penso na desventura  
de suas multiplicadas presas,  
se à ideia da mínima força  
da mais frágil delas  
tomba a insólita empresa  
do meu corpo de poeta.

Penso em meus pequenos  
sustos crônicos, nutrindo  
o riso do monstro mudo:  
tanto maior que o mundo  
quanto menor que tudo.

Penso em suas garras afiadas  
ao desafio do visgo  
que lhe escapa,  
quase como quem o nega,  
no rastro sem cor,  
sem cheiro ou substância,  
e penso na vida avessa,  
sua presença Viva de instância.

Penso nos mil olhos de sombra  
deste monstro prolongável,  
em seus tentáculos perturbado-  
res,  
e no seu modo de testemunhar,  
assim onipresente,  
o desespero com que me armo,  
disposto a alvejar o nada,  
nos dias da guerra inglória.

Penso no monstro aritmético  
em quem a pulsação indissolúvel  
cumpre certa didática amorosa,  
a de afetar, no exílio, que é  
seu método e mistério,  
a existência rancorosa.

O manto de símbolos,  
se aquece o monstro,  
parece enfurecê-lo ao sabor  
da loucura mais letal  
onde habita  
o sintoma universal  
do que somos o monstro e eu.

Tudo ao dissabor se cala,  
não há assepsia que valha,  
nem há por que chorar.

# DESMASCARADOS

Cizinho Afreka

Nesses tempos confinados  
O racismo anda ainda mais sol-  
to  
Corrosivo, mastigando corpos  
pretos  
Todos os dias "Dia dos Finados"  
Implacável, exacerbando a  
iniquidade  
Segue imune reduzindo huma-  
nidade  
Sem lavar as mãos, no lugar de  
assepsia  
Como de costume acepção  
São tantos mortos, tantos pran-  
tos

Na pia, uma montanha de pra-  
tos  
Tem gente que, tendo, só faz  
comer  
Jura que, ao reabrirem as aca-  
demias, vai correr  
Ver os netos, a mãe, irmãs  
As filhas, todas as manhãs

Depois que essa maré baixar  
É botar para fudê  
Tomara que dê, naquele filho  
adiado  
Pela facul, mestrado  
Chega de dar mamadeira, lim-  
par o rabo do filho do patrão  
Tirar aquele projeto da gaveta  
Ter para geração

Corre que dá tempo  
Que a vida passa  
Sem máscara branca  
Gozar a vida  
Em diversas posições  
Que a saliva já não represente  
perigo  
Seu gosto ignição  
Em plenos pulmões  
Ficar sem ar de prazer

Marcar o casório, o encontro,  
conhecer você

Naquele ponto cheio de calor  
humano  
Já deixar agendado  
Logo depois que a onda passar  
Estudar violão, teclado  
Culinária, meu grande amor  
Socializar os afetos  
Pois abraços acumulados  
Não rendem como tesouro di-  
reto

Torcer para que, nesse sorteio  
fúnebre,  
Não saiam os nossos RGs  
Com tantos planos, sonhos em  
quarentena  
Tarde pra abraçar  
Sem fibra, febre, paladar  
Não sentia olfato, dor nem afeto  
Não tinha medo nem falta de ar  
Saiu de cena sem se despedir  
Petrificado, frio, só ele e as flo-  
res naquele lugar



Foto: Nilfim Lopes

Chegamos ao estado  
De termos que usar máscaras  
Por cima das máscaras que já usávamos.

Decoradas,  
Ostentando identidades,  
Ajudando a garantir o pão,  
De papelão,  
De folhas de flandres,  
De grifes que se recusam  
A desaquecer a economia...  
Máscaras que diferem  
Quem vai  
E quem não vai morrer.

As ruas são a própria pandemia.

E as crianças  
Que ainda não foram ensinadas a usar máscaras  
Não estão usando máscaras.  
"Só vão morrer os velhos",  
Disseram, projetando uma curva.  
Então quer dizer  
Que jovens negros  
Deixarão de ser assassinados nas favelas  
Em intervalos de linha reta?

Quarentena, agora:  
Mais uma criança morta  
Que não viu os rostos de seus assassinos.

Do outro lado do abismo  
A esquerda quer trancar as ruas  
Porque não pode mais reivindicá-las.  
E a direita as ocupa  
Enquanto alguém, longe de casa,  
Lava suas máscaras verde-amarelas.

Bandeiras, *hashtags*,  
Fake-narrativas,  
Curas milagrosas,  
Campanhas,  
Oportunismos,  
Promessas...

E segue em disputa a ideologia do vírus.  
"Uma resposta do meio ambiente..."  
"Consequência do capitalismo..."  
"Conspiração comunista..."  
"Praga de Deus..."  
"Castigo de Omulu..."

E eu continuo  
Isolado  
Da família,  
De gente que votou em mitos,  
Dos amigos que já não via,  
Do ambiente de trabalho que me adocece.

Há quem afirme que no fim será bom,  
Que teremos que repensar nossos hábitos  
E ritmos de vida.

.  
.  
.

Qual vida?

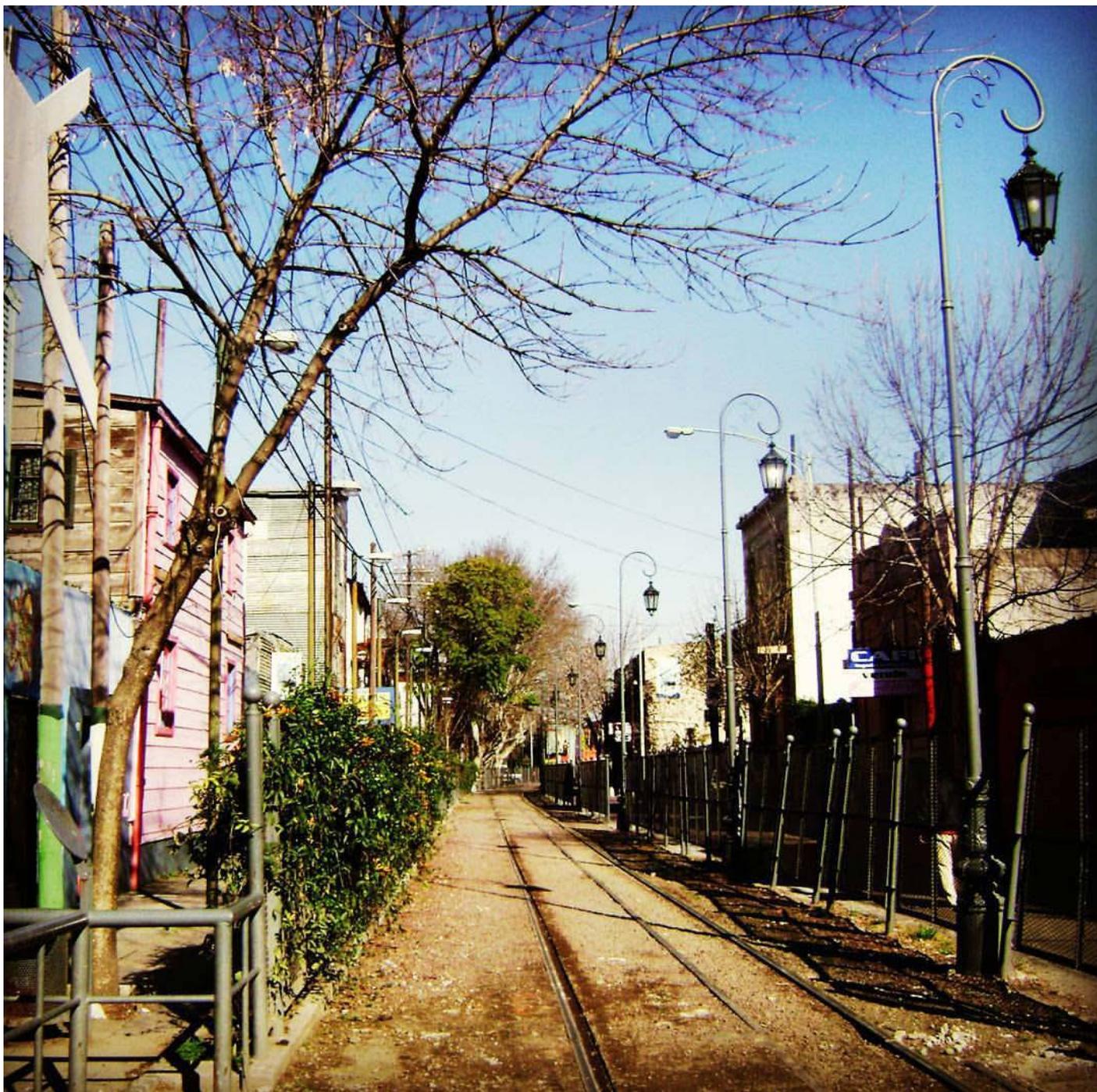


Foto: Nilfim Lopes

# A ÚLTIMA SOLIDÃO DE JOSÉ JURANDIR DE CAIOABA

Éle Semog

A terra é boa e a gente daquele lugar  
não é tão diferente de outras gentes,  
de lugares alhures por onde se passam  
fazendo negócios, escambos, trocando cultura,  
cada pessoa é, em si, seu próprio quinhão. Era.  
Num repente chegou a alma branca e a cruz  
carregadas de infernos, purgações, doenças,  
e dor, e miséria, e fome, e desavenças...

Veio pronta, inevitável como terrível endemia  
e a pele preta de José Jurandir de Caioba  
viveu sua primeira solidão em sórdida agonia.  
Mesmo quem não sabia ler sortilégios, viu  
a coisa branca se espalhar. E noutro repente  
o que era endemia alcançou a gente que era boa  
e as terras daqueles lugares, devorando tudo,  
ouro, ciência, saberes, corpos, como voraz endemia.  
E a pele preta de José Jurandir de Caioba  
viveu sua segunda solidão em sórdida agonia.

Caçado, dominado, submetido, revoltado  
chegou aqui e acolá desnascido, mas havido.

Passageiro ido de um útero vazio, enjoou  
no balanço lúgubre do Atlântico e outros mares.

Viveu no minguado berço, que a um só tempo  
era esquife e ataúde, donde pelas brechas  
via bizarras estrelas, e sentia a água nos ossos.

E assim, por ser tão vida, como a vida exigia,  
sobreviveu à voracidade da primeira pandemia.  
A mais cruel, a mais suja, a mais longa,  
a que se inaugurou na nefasta travessia.

E por quatro séculos não houve reza, feitiço,  
simpatia, ou remédio que curasse a maldita  
escravização e as sequelas daquela pandemia.

E a pele preta de José Jurandir de Caioba  
viveu sua terceira solidão em sórdida agonia.

Não foi pela manhã ou à noite naquele chão,  
foi exato quando parido no tempo explícito  
de vinte e oito dias no porão do tumbeiro,  
na sina insana do seu primeiro e único exílio.

E feito um rio que desagua em nada  
vagou por muitos caminhos d'águas  
sem ser a barco, peixe ou nau-

frágio.

Seus iguais sofreram mais que ave Maria,  
zombando dos algozes, ignorou o que podia,  
enquanto dentro de si a ferida mais fervia

José Jurandir de Caioba fez muitas revoluções  
no corpo, na fé, na fala, no olhar, nos sentimentos  
que se espalhavam dia e noite, noite e dia. E hoje.

Renitente, as trevas expandiam a mesma pandemia,  
semovente, algodão, açúcar, fumo, minério e café,  
de tanto ser engolido fez-se paisagem da doença  
para nos levar a tão, agora, poderosa resistência  
como se fossemos rizomas, teias de uma mesma  
urdidura, onde toda a gente preta, sem igualdade  
ou lamúria, quer reaver seus haveres reparados.

Agora que a doença mata qualquer cor de gente,  
José Jurandir de Caioba, viu um asno de terno,  
broche na lapela, falando arrouba, como arroba,  
tratou de se recolher com seus queridos entes,  
foi ser solidão até a pandemia verborrágica passar.



Foto: Fernando Soledade

# Literatura, amor e cura.

Por Vagner Amaro

Lançado em 2020, pela Mjiba, *Filha do fogo: 12 contos de amor e cura* traz uma diversidade temática muito interessante, orbitando nas experiências humanas expressas em seus personagens. “Quando tinha dois anos, conheci a mandinga praticada pela minha vó”, de *Filha do fogo*, “Apesar de vizinha não gostar, a devoção de meu pedido ao meu avô foi tão forte que”, de *A primeira vez que fui ao céu*, “Dona Dudu era uma das moradoras mais antigas do bairro”, de *Dona da cumbuca*, “Os provérbios que minha vó ficava o tempo todo repetindo”, de *Muita trovoadas é sinal de pouca chuva*. A presença marcante dos mais velhos em *Filha do fogo* e sua importância para ensinar, alegrar, curar é bem destacada, sugerindo que a ancestralidade é um dos pilares de sustentação da literatura de Elizandra. Se a literatura brasileira que encontrou mais espaço de publicação, estudos e circulação se ancora em um tipo de tradição, ousou elaborar que a literatura de Elizandra Souza se funda em uma noção de ancestralidade, em que se mesclam, entre outros elementos, a história oral africana e afro-brasileira, o senso de pertencimento étnico, a consciência de raça e classe e gênero, o conhecimento afro-religioso e as elaborações contemporâneas para se pensar a autoria negra, legado da Geração Cadernos Negros, e, mais especificamente, dos pensamentos do escritor Cuti (Luís Silva) ao formular o conceito de literatura negro-brasileira e da escritora Conceição Evaristo, na elaboração do conceito de *Escrevivência*. É uma literatura que dialoga em subsentido com a literatura de Maria Firmina dos Reis, Luís Gama, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, Miriam Alves, Cristiane Sobral, e deste chão,

que é fragmentado, sem transmissão estreita de influências, mas que é fortificado sempre que posto em diálogo com um porvir literário, deste chão que as narrativas de Elizandra Souza promovem sua guinada autoral.

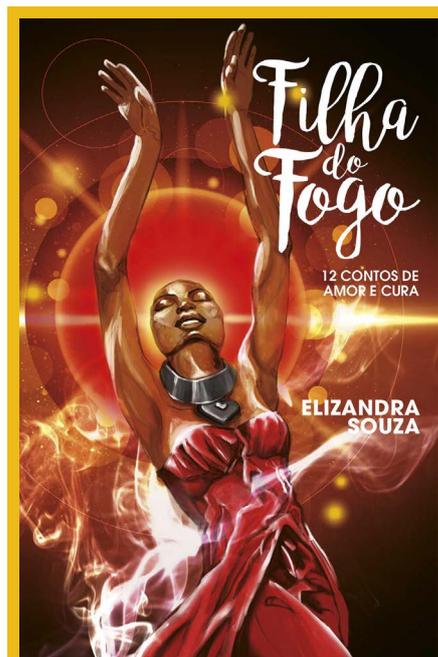
Uma autoria nitidamente identificável como um projeto único, na estruturação dos enredos, na forma como faz uso de provérbios, na tematização dos afetos e do respeito em relação aos idosos e aos saberes populares, na constituição de uma narradora negra que respeita seus personagens, permitindo que eles sejam o que são, sem interferências/julgamentos que costumam poluir muitos textos, equivocadamente nomeados como literatura.

Por tentar ler o “livro dentro do livro”, talvez, tudo que tenha apresentado até então fale pouco sobre o que *Filha do fogo* é em sua superfície, e isso se dá em razão de que as duas características mais marcantes da obra são a sutileza e a liberdade. Neste sentido, os doze contos de amor e cura também podem ser lidos como competentes narrativas, apresentando histórias de mulheres e homens negros que, com algumas exceções, transitam em espaços urbanos da contemporaneidade. A cantora de música negra, a empreendedora no ramo de calcinhas, a digital influencer, o militante do movimento negro, a estudante de uma escola pública, são personagens que representam pessoas que poderiam passar por nós em uma rua agitada de São Paulo. No entanto, por dentro do texto, Elizandra costura os grandes temas, e pode dentro dele, exercitar sua liberdade como autora.

As ilustrações de Vanessa Ferreira são de uma beleza ímpar, a que antecede o conto disrítmica é de uma mulher negra “de braços erguidos em

direção ao céu, o corpo num giro desfocava o ambiente. Os pés pareciam suspensos no ar”. Gosto de pensar que neste movimento de suspensão e mirada livre e alegre para o mundo, descrito para a personagem Zaji “feito um incenso de jasmim”, “fazendo presente no seu espaço”, que Elizandra Souza compôs seu livro-contribuição de cura para leitores afetados pelo mal das violências contra a população negra e pelo desamor ampliado pelas novas formas de estar na vida e em relação com o outro.

Uma contribuição que se efetiva ao escrever literatura com os enfrentamentos inarredáveis e ao enriquecer o universo da literatura negro-brasileira enunciando cura e amor.



Título: *Filha do Fogo - 12 Contos de Amor e Cura*

Autora: Elizandra Souza

Ilustradora: Vanessa Ferreira  
Editora: Mjiba – Comunicação, Produção e Literatura Negra

Páginas: 96

Ano: 2020

## PERFIL:

# Stefano Volp

Por Marlon Souza

Stefano Volp é autor de 4 livros de ficção e atua como idealizador e produtor editorial do Clube da Caixa Preta, um clube de resgate de contos clássicos escritos por autores negros. Volp é formado como roteirista pela Academia Internacional de Cinema e produz música nas horas vagas. Seu próximo trabalho é o *Homens pretos (não) choram*, que será lançado em breve.

**Stefano, você é escritor, roteirista, jornalista, compositor e cantor. Como faz para conciliar todas essas funções no dia a dia?**

É difícil viver da arte do Brasil. Eu tento diferentes frentes e portas, em busca de me expressar artisticamente. Hoje vivo de projetos literários e do roteiro audiovisual. A música fica um pouco mais de lado, mas uma hora ou outra também surge, de modo a complementar um projeto, ou só pra eu me divertir mesmo. Brasileiro sabe e tem que se virar nos 30.



**Você publica muitas histórias voltadas para o público mais jovem, trazendo protagonistas negros e uma certa reparação, já que a maioria das produções do mercado editorial conta com personagens brancos. Nesse sentido, como tem sido a recepção de seus leitores?**

Acho que as pessoas racializadas estão, mais do que nunca, em busca de algo com o que possam se identificar de verdade. Quando encontram isso, dão muito valor. O processo de conscientização racial te faz perceber tantas lacunas no mercado que, de repente, não faz mais sentido não querer contar suas próprias histórias em seu lugar de fala. Representatividade tá na moda, mas ainda há muito estereótipo a ser quebrado. Sigo tentando somar.

**Em *O Segredo das Larvas* você traz uma distopia que reúne racismo, violência contra a mulher, abuso sexual e outros temas relacionais. Como foi o processo de escrita dessa obra?**

Foi o livro mais complicado que escrevi. Precisei estudar protagonistas femininas e trocar muita ideia com mulheres. Depois de pronto, foi betado por um público feminino e feminista. Ali descobri a quantidade de falhas sobre as quais minha visão, construída em uma sociedade patriarcal e machista, me levou a escrever. Daí veio um novo reparo, e assim o livro foi sendo construído. Aos trancos e barrancos. Considero a missão cumprida.

**Apesar de já ter publicado por algumas editoras, você tem dedicado as suas últimas publicações à campanhas de financiamento coletivo de forma independente. Como tem sido realizar essas campanhas?**

Eu amo! Dá muito trabalho montar uma campanha de financiamento coletivo e sustentá-la até o fim. Muito mesmo! Em *Homens pretos (não) choram* cheguei a arrecadar

160% da meta, mas só eu soube o tamanho da ansiedade e do preparo antes da campanha. Ainda assim, é um processo que vale a pena. Não só te permite financiar uma obra, mas criar uma base de apoiadores que segura sua mão e te acompanha por onde você for. Tenho vivido experiências incríveis graças a esse método. E lucrado muito mais do que em uma editora.

**O que você busca ao publicar? Quais histórias quer passar com cada trabalho?**

Autoconhecimento. Acho que todas as minhas histórias, no final das contas, giram em torno do ato de se conhecer. Realmente acredito que só encontramos propósito na vida se estivermos dispostos a embarcar numa jornada dentro de nós mesmos. Escrevo sobre isso, de diversas formas.

**Poderia nos falar sobre seu próximo lançamento, *Homens pretos (não) choram*?**

É uma coletânea de crônicas escritas durante a pandemia. Um ensaio sobre masculinidades e negritudes. Tenho analisado arquétipos do homem preto e masculinidades não-convencionais. Nem sabia que eu podia ser cronista, mas esses textos apareceram e resolvi experimentar. A meta do financiamento coletivo foi batida em 10 dias, e percebi que, mais do que necessário, esse é um assunto sobre o qual as pessoas querem falar. Será publicado em dezembro.

**Quais são suas inspirações literárias? Quais autores e livros você acredita que são fundamentais para sua formação?**

Estive numa onda cronista, então minhas inspirações foram a dona Conceição Evaristo e a Cíntia Moscovich. No geral, sou muito fã de thrillers psicológicos e distopias. E agora tenho consumido as obras de autores

negros importantes no renascimento do Harlem. São todos fundamentais pra mim. Du Bois, Zora Neale Hurston, Jessie Fauset, James Baldwin... todos!

**Como é seu processo de escrita? Você segue algum roteiro, faz muitas pesquisas?**

Só começo a escrever depois que o outline está pronto. Em meu processo não existe sentar pra escrever sem antes saber exatamente para onde estou indo. Estruturo toda a história, inclusive limito caracteres antes de começar a escrever. Só começo depois de ter uma sinopse clara de todos os capítulos. Os acidentes da caminhada recheiam o *plot*.

**Este ano foi totalmente inesperado por todos. Como tem sido produzir no período de pandemia, além de viver nessa incerteza?**

Foi melhor do que imaginei. Abri mão do meu antigo trabalho convencional como webdesigner para trabalhar apenas escrevendo. Montei campanhas de financiamento coletivo, recebi muito apoio, sobrevivi e me reinventei. É claro que tudo isso no meio de surtos, crises de ansiedade e desespero. Mas tô vivo, com saúde e trabalhando com o que amo. Não posso reclamar de nada.



# Lançamentos



## O AVESSE DA PELE

**Jeferson Tenório**

Editora: Companhia das Letras

Páginas: 194

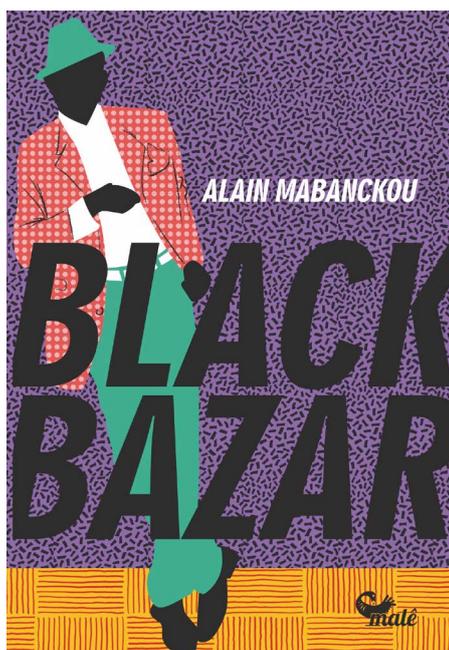
ISBN: 9788535933390

Um romance sobre identidade e as complexas relações raciais, sobre violência e negritude, *O avesso da pele* é uma obra contundente no panorama da nova ficção literária brasileira.

É a história de Pedro, que, após a morte do pai, assassinado numa desastrosa abordagem policial, sai em busca de resgatar o passado da família e refazer os caminhos paternos. Com uma narrativa sensível e por vezes brutal, Jeferson Tenório traz à superfície um país marcado pelo racismo e por um sistema educacional falido, e um denso relato sobre as relações entre pais e filhos.

O que está em jogo é a vida de um homem abalado pelas inevitáveis fraturas existenciais da sua condição de negro em um país racista, um processo de dor, de acerto de contas, mas também de redenção, superação e liberdade. Com habilidade incomum para conceber e estruturar personagens e de lidar com as

complexidades e pequenas tragédias das relações familiares, Jeferson Tenório se consolida como uma das vozes mais potentes e estilisticamente corajosas da literatura brasileira contemporânea.



## BLACK BAZAR

**Alain Mabanckou**

Editora: Malê

Páginas: 220

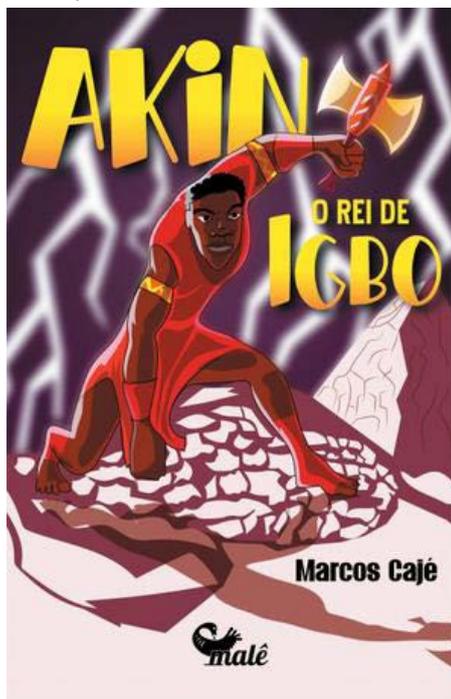
ISBN: 9786587746005

Após ser abandonado por sua companheira e por sua filha, o protagonista de *Black Bazar*, seguindo o conselho de um amigo, o escritor haitiano Louis-Philippe Dalembert, compra uma máquina de escrever e começa a registrar um diário das experiências e sentimentos que a separação o faz suscitar.

Apelidado pelos amigos do Jip's bar – um bar afro-cubano em Paris –, como Bundólogo, pela paixão que nutre por nádegas femininas, a ponto de inferir a personalidade de cada mulher que observa a partir das características do bumbum, o narrador de *Black Bazar* nutre outra paixão: a moda. Vivendo em um apartamento simples, mas se vestindo com os melhores ternos, como um dândi africano, o narrador segue o padrão estético da SAPE

– Sociedade de Ambientadores e de Pessoas Elegantes, fundada na favela de Bacongo, na República Democrática do Congo, nos anos 1960, quando o país estava sob comando do ditador Mobutu Sese Seko e era ainda conhecido como Zaire. Os sapeurs usavam ternos de cores fortes e corte meticuloso, destoando do cenário de pobreza e representando uma ofensa ao governo

da época.

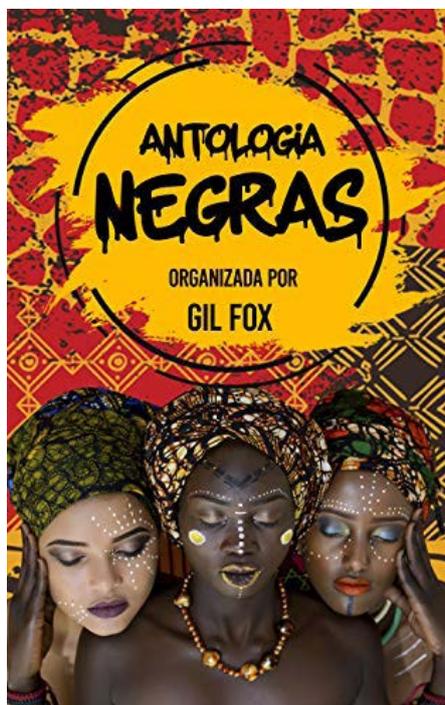


## AKIN: O REI DE IGBO

**Marcos Cajé**

Ilustrador: Dom Lito  
Editora: Malê  
ISBN: 9786587746012  
Páginas: 72

O livro *Akin: o rei de Igbo*, do escritor baiano Marcos Cajé, fabula um reino africano anterior à colonização ocidental na Nigéria. O autor constrói uma narrativa itan, alicerçado nos ensinamentos dos mitos das religiões de matriz africana. Ele nos envolve com a jornada de aventura do personagem Akin, o prometido pelas profecias do oráculo a salvar o reino da tirania do rei déspota, Enitan, e da feiticeira Adanna. Cajé encruzilha, desde o início, a trajetória de Akin, criança protegida pela mãe, Azira, guerreira Igbo, ao treinamento com as guerreiras do Círculo da pedra em uma dimensão espiritual, até a sua transformação em grande guerreiro, em rei, em Xangô.



## ANTOLOGIA NEGRAS

**Várias autoras**

Editora: Independente  
Páginas: 70

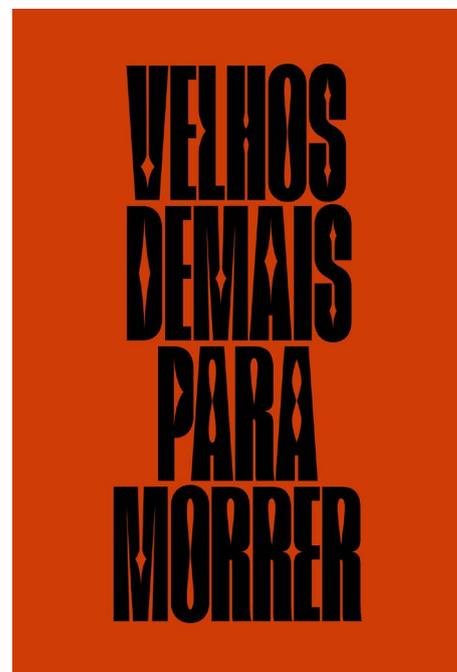
Negras de tons claros, médios, escuros, tão diferentes e completamente iguais em sua luta constante de mostrar que a quantidade de melanina na pele não as define, não as diminui, não as isola e nem as transforma em algo além de seres perfeitos em suas imperfeições.

O que você diz, como olha, pensa, julga e classifica não define somente a si, mas àquela que é seu objeto de atenção. Essa antologia tem como o objetivo trazer à luz as realidades de mulheres negras e o seu convívio em sociedade.

Qual o seu tom?

Uma antologia voltada para mulheres negras, feita por mulheres negras que mostram suas realidades.

Vamos dar voz a seis grandes autoras que vêm trazer o que é ser uma mulher na selva de pedra, convivendo com a minimização do ser por causa de um simples fator biológico.

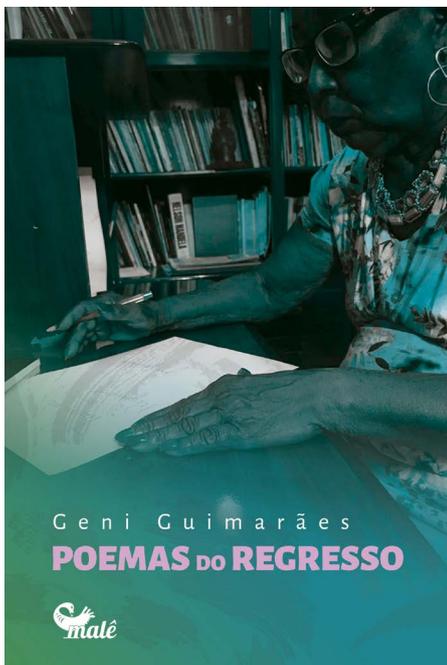


## VELHOS DE-MAIS PARA MORRER

**Vinícius Neves Mariano**

Editora: Malê  
ISBN: 9786587746210  
Páginas: 280

Quando os idosos se tornam a maioria da população, o mundo entra em colapso econômico e uma crise social se instaura. Enquanto jovens recorrem a tratamentos anti-idade cada vez mais avançados, velhos são jogados à margem da sociedade. É nesse lugar que três personagens de diferentes idades se perguntam sobre qual o sentido de envelhecer em um mundo que despreza a velhice. *Velhos demais para morrer*, de Vinícius Neves Mariano, foi o vencedor na categoria romance do Prêmio Malê de Literatura. Vinícius constrói uma distopia, em que a imposição anti-envelhecimento da sociedade atual é projetada em outra sociedade ficcional, onde a luta desesperada contra os efeitos da passagem do tempo, se configura em um romance original, instigante e envolvente.

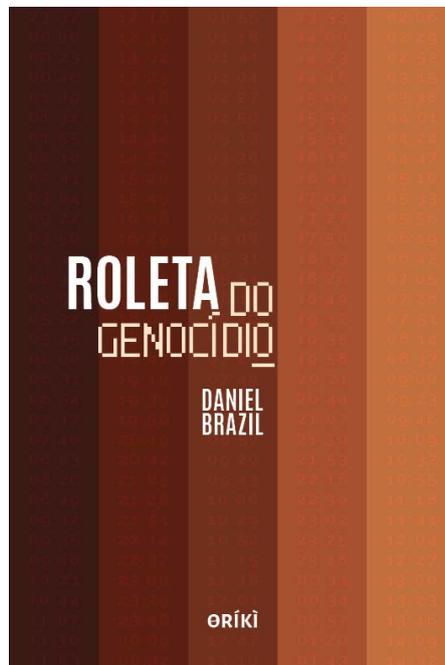


## POEMAS DO REGRESSO

**Geni Guimarães**

Editora: Malê  
ISBN: 9786587746241  
Páginas: 138

A coletânea Poemas do regresso marca o reencontro de Geni Guimarães com a poesia. A última publicação da autora no gênero foi Balé das emoções, em 1993. Os sessenta e dois poemas que compõem o livro demonstram que o senso poético de Geni permaneceu guarnecido neste longo tempo ausente. A leitura de Poemas do regresso é uma possibilidade de encontro com a subjetividade de uma escritora que regressa à literatura nos contando vivências emocionais e visões de mundo, uma narradora poética, comprometida com suas intenções artísticas: “Dar à luz a um verso, que seja tão palpável e de tamanha exatidão, que nele o próprio coração respingue” .

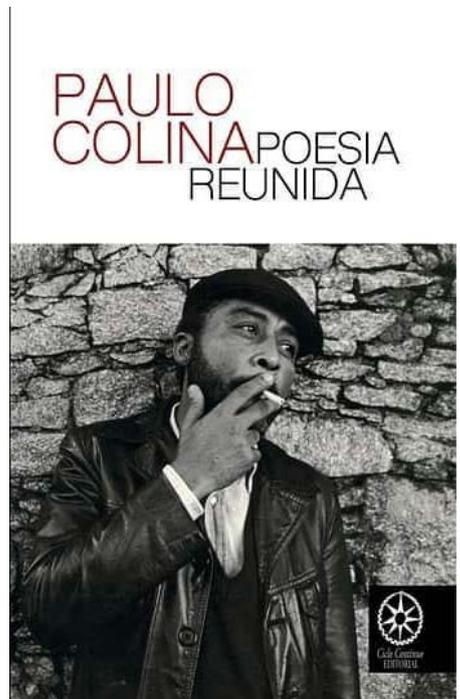


## ROLETA DE GENOCÍDIO

**Daniel Brazil**

Editora: Oríki  
Páginas: 81  
ISBN: 9786580762019

Roleta do Genocídio é o primeiro livro de Daniel Brazil. Os poemas partem de dados violentos de um mapa que revela a interrupção precoce de jovens negros a cada 23 minutos, do choque e de um outro modo de pensar o tempo a partir de então. São signos de uma diáspora africana que expõem marcas graves do racismo e de suas estruturas, e que também revelam modos de sobreviver, resistir e existir num país que insiste na eliminação dos corpos, da cultura e dos saberes negros.



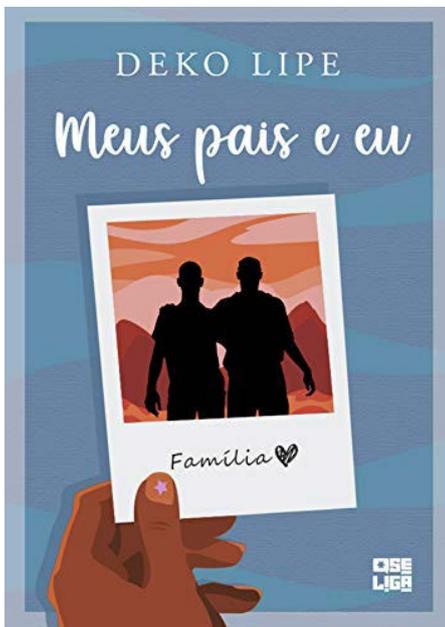
## POESIA REUNIDA

**Paulo Colina**

Editora: Ciclo Contínuo Editorial  
Páginas:

Editado por Eunice Souza e Marciano Ventura, com apresentação do jornalista e escritor Oswaldo de Camargo e posfácio do pesquisador e crítico de literatura Ricardo Riso, Poesia reunida, de Paulo Colina, traz a reedição do trabalho poético de um grande nome da poesia brasileira das décadas de 1980 e 1990.

Publicada em saudação ao septuagésimo aniversário do autor (1950-1999), esta reunião apresenta ao leitor, em uma edição portátil, os 3 livros de poesias publicados pelo autor, de 1984 a 1989.



## MEUS PAIS E EU

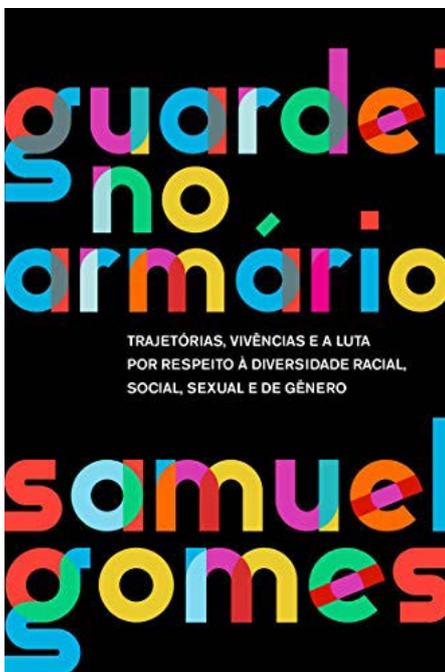
Deko Lipe

Editora: Se liga editorial

Páginas: 104

ISBN: 9786599085956

Nada de novo acontecia na vida de Ana Clara: crianças mais novas passavam o dia fora do Lar, e ela, cada vez mais perto de completar quatorze anos, sentia a insegurança de não ser mais adotada. Até que um papel mudou toda a sua vida. Num piscar de olhos, passou a ter tudo com o que sempre sonhou: um quarto só dela, uma biblioteca própria, novos amigos, um colégio legal e dois pais.



## GUARDEI NO ARMÁRIO

Samuel Gomes

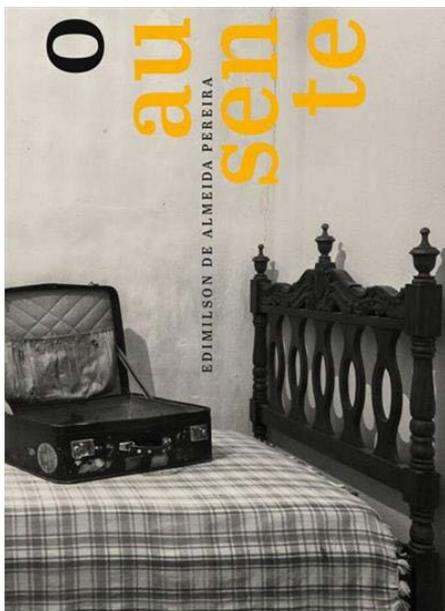
Editora: Paralela

Páginas: 351

ISBN: 9788584391776

O relato de como um jovem nascido na periferia de São Paulo superou o racismo e a homofobia para lutar pelos próprios direitos — e de muitos outros como ele —, acompanhado de diversas entrevistas com personalidades LGBTQIA+. Samuel Gomes teve uma infância parecida com a de vários outros meninos nascidos na periferia das grandes cidades brasileiras: dividia o quintal de sua casa com muitos parentes, estudava em uma escola do bairro e via seus pais batalharem para dar um futuro melhor a ele e à sua irmã. Porém, logo começou a perceber que era diferente daqueles que o cercavam: ele sentia atração por outros meninos. Assim, o medo de ser quem é foi um fio condutor do seu amadurecimento, ainda mais por ser negro e fazer parte de uma família extremamente evangélica. Além das várias situações de racismo

e discriminação que teve que enfrentar, tinha a Igreja, que não era apenas um lugar que frequentava aos domingos com sua família, mas sim uma instância onipresente em sua vida, que ditava seu modo de vestir, de se comportar, de pensar e de viver.



## O AUSENTE

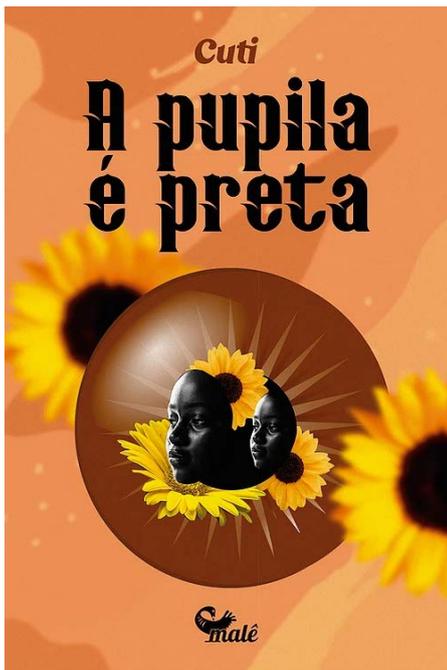
Edimilson Almeida Pereira

Editora: Relicário

páginas: 124

isbn: 9786586279177

Primeiro romance de uma das principais vozes da poesia brasileira contemporânea, O ausente traz uma narrativa que retrata os embates dos personagens entre as exigências do destino e a ânsia da liberdade. A vida rural é o cenário vivo e atemporal em que se desenrola a trama, cenário reconstruído também pela linguagem poética e potente do narrador.



# A PUPILA É PRETA

Cuti

Editora: Malê

Páginas: 102

Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, lança o livro de contos *A pupila é preta* pela Editora Malê. Em um dos contos, um casal discute. O namorado questiona por que não é apresentado ao pai da moça. Ela responde, “Você não viu a foto do meu vô?”. No que ele diz “A tua pupila é mais preta do que eu e teu avô.” Em *A pupila é preta*, Cuti emula conduz o leitor para ver com mais ou menos nitidez os objetos que revela em seu universo ficcional literário, onde espelha, a partir de uma experiência estética vigorosa, as imagens de uma sociedade racista, violenta e desigual em diversos aspectos.



# ESCRITOS NEGROS: CRÍTICA E JORNALISMO LITERÁRIO

Tom Farias

Editora: Malê

Páginas: 382

O escritor e jornalista Tom Farias lança *Escritos negros: crítica e jornalismo literário* pela Editora Malê. A publicação reúne matérias, entrevistas e resenhas sobre a cena literária negra nos últimos trinta anos, tempo em que o jornalista se dedicou ao ofício de produzir fortuna crítica para obras de Conceição Evaristo, Éle Semog, Elisa Lucinda, Salgado Maranhão, Carolina Maria de Jesus, Cristiane Sobral, Maria Firmina dos Reis, Paulo Lins, entre tantos outros escritores negros. Tom Farias é biógrafo de figuras essenciais para se entender a formação cultural brasileira, como José do Patrocínio (1853-1905), Cruz e Sousa (1861-1898) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977), e reúne, além da seleção preciosa de crítica literária, cinquenta verbetes biográficos que dimensionam a atuação de escritores e escritoras negras na literatura brasileira.

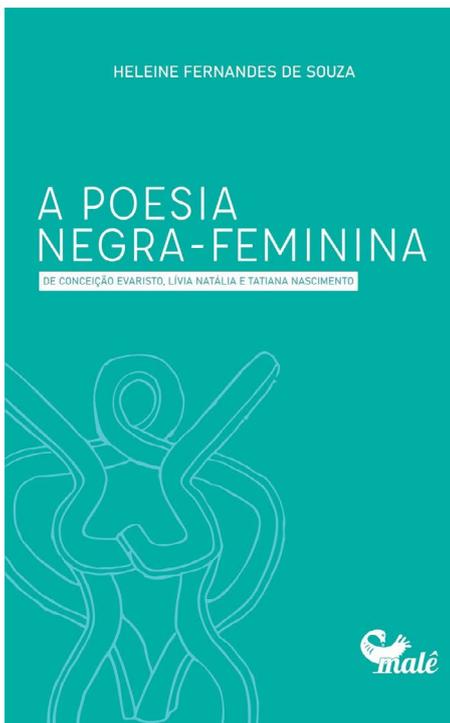


Foto: André Martins

# A POESIA NEGRA-FEMININA DE CONCEIÇÃO EVARISTO, LÍVIA NATÁLIA E TATIANA NASCIMENTO

**Heleine Fernandes de Souza**

*Aza Njeri - Doutora em Literaturas Africanas (UFRJ) e pós-doc em Filosofias Africanas (UFRJ)*

Poesia é fôlego vital de resistência negra-feminina e é esse o fio condutor da obra *A poesia negra-feminina* de Conceição Evaristo, Lívia Natália e Tatiana Nascimento, de Heleine Fernandes. A autora mergulha nas Escrevivências poéticas das três poetisas afro-brasileiras para fazer emergir reflexões sobre o labor estético como pulção de vida, resistência e permanência de mulheres negras. Para tal tarefa, Heleine Fernandes apresenta um panorama que localiza a produção

feminina e negra na literatura, evidenciando o quanto essa arte – que se quer canônica – reproduz o ethos ocidental calcado na lógica patriarcal, colonizadora e supremacista branca. Em seguida, aprofunda a reflexão em torno do epistemicídio, esse silenciamento e apagamento genocida que recai sobre as produções, tecnologias e saberes negros, apontando o quanto a literatura afro-brasileira tem uma agenda contra-epistemicida, que localiza os

emparedamentos da negritude para reforçar a identidade na luta antirracista e antigenocida. Considero esta obra uma referência para os estudos de poesia feminina negra, pois, não apenas aponta o problema do racismo estrutural e o machismo vigente na literatura brasileira, mas, sobretudo, desvela a produção epistêmica afrodiáspórica usando três artistas negras da contemporaneidade de diferentes gerações e compreensões de sua identidade.